



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PINHEIRO - CESPI
CURSO DE PEDAGOGIA LICENCIATURA

BRUNA CRISTINA MELO DA SILVA

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PÓS-
PANDEMIA:** um estudo com professores da etapa II do ensino fundamental anos
iniciais da escola Presidente Médici em Pinheiro - MA

Pinheiro
2022

BRUNA CRISTINA MELO DA SILVA

**DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PÓS-
PANDEMIA:** um estudo com professores da etapa II do ensino fundamental anos
iniciais da escola Presidente Médici em Pinheiro - MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia
Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão
CESPI/UEMA, como requisito para a obtenção do
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Ma. Edilene Reis Pereira.

Pinheiro
2022

Silva, Bruna Cristina Melo da.

Desafios e perspectivas na educação de jovens e adultos pós-pandemia: um estudo com professores da etapa II do ensino fundamental anos iniciais ciclo do ensino fundamental na escola Presidente Médici em Pinheiro - MA / Bruna Cristina Melo da Silva. – Pinheiro, MA, 2022.

70 f

Monografia (Graduação) - Curso Pedagogia Licenciatura, Centro de Estudo Superior de Pinheiro, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Ma. Edilene Reis Pereira.

1.Educação de jovens e adultos. 2.Desafios e perspectivas. 3.Ensino fundamental. I. Título.

CDU: 374.7:616-036.21

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS PÓS-PANDEMIA: um estudo com professores da etapa II do ensino fundamental anos iniciais da escola Presidente Médici em Pinheiro - MA

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Estadual do Maranhão CESPI/UEMA, como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Ma. Edilene Reis Pereira.

Aprovado em: 21/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof.^a Ma. Edilene Reis Pereira
Mestre em História
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof.^o Dr. Gilberto Matos Aroucha
Doutor em Educação
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Prof.^a Esp. Alessandra Ribeiro Sousa
Especialista em Educação Inclusiva
Universidade Estadual do Maranhão- UEMA

A Deus, que em sua infinita bondade me proporcionou esta oportunidade, e a minha família, que sempre me incentivou a nunca desistir e a realizar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me ajudado ao longo desses anos alcançar meus objetivos, e por diariamente ter me capacitado e permitido-me não desistir da realização deste estudo.

A minha família, em especial à minha mãe Lucinete.

Aos amigos que a vida acadêmica me proporcionou, em especial Ana Maria, Daniel, Laura, Ludmila, Elias, Ronthykerlas e Ingrid, pelo apoio e amizade e pelos vários momentos de alegria que tivemos e por durante esses cinco anos de graduação, terem feito parte dessa longa jornada.

À professora Edilene Reis, por aceitar ser minha orientadora e ter desenvolvido seu trabalho com toda dedicação.

À instituição UEMA, fundamental no meu processo de formação profissional, pela dedicação e por tudo que consegui aprender ao longo desses anos no curso.

A todas as pessoas que fizeram parte direta e indiretamente deste ciclo decisivo em minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa buscou apresentar os principais desafios e perspectivas da Educação de Jovens e Adultos no período pós-pandemia, período este que marca a volta das aulas presenciais. O objetivo geral que a situou foi conhecer o contexto histórico, desafios e perspectivas desta modalidade de ensino evidenciados pelos professores que trabalharam com esse universo na época do distanciamento social. O referido estudo teve caráter exploratório e descritivo de natureza qualitativa. Para a sua concretização metodológica foram convidados quatro docentes do ensino fundamental do ciclo II na EJA. Os respectivos profissionais lecionam em uma escola pública municipal localizada na cidade de Pinheiro, Maranhão no turno noturno. A partir das respostas dadas por tais docentes foi perceptível a necessidade de aplicação de metodologias e recursos mais eficazes que visem um melhor desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos. Foi realizada uma análise do ensino no período pandêmico e foram percebidas as várias dificuldades enfrentadas pelos professores e, consequentemente pelos alunos, dentre as quais vale destacar, o acesso limitado à internet e aos materiais didáticos. Atualmente, com o retorno do ensino presencial, é notória a dificuldade de aprendizagem desses alunos, resultado do ensino ministrado no período remoto. No desenvolvimento da pesquisa foram citados autores que discorrem sobre o ensino na modalidade EJA, sendo apresentados pontos fundamentais sobre a temática em discussão, para que a compreensão no que diz respeito aos desafios enfrentados pelos professores possam suscitar perspectivas de melhoria nesse processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Desafios e perspectivas. Ensino fundamental.

ABSTRACT

This research sought to present the main challenges and perspectives of Youth and Adult Education in the post-pandemic period, a period that marks the return of face-to-face classes. The general objective that set it was to know the historical context, challenges and perspectives of this teaching modality evidenced by the teachers who worked with this universe at the time of social distancing. This study had an exploratory and descriptive character of a qualitative nature. For its methodological implementation, four elementary school teachers of cycle II in EJA were invited. The respective professionals teach at a municipal public school located in the city of Pinheiro, Maranhão in the night shift. From the answers given by these professors, it was noticeable the need to apply more effective methodologies and resources aimed at a better development of the students' teaching and learning process. An analysis of teaching during the pandemic period was carried out and the various difficulties faced by teachers and, consequently, by students were perceived, among which it is worth highlighting the limited access to the internet and teaching materials. Currently, with the return of face-to-face teaching, the learning difficulty of these students is notorious, as a result of teaching in the remote period. In the development of the research, authors who talk about teaching in the EJA modality were cited, presenting fundamental points about the theme under discussion, so that the understanding with regard to the challenges faced by teachers can raise perspectives of improvement in this teaching and learning process.

Keywords: Youth and Adult Education. Challenges and prospects. Elementary School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: algumas considerações	12
2.1 No Brasil	12
2.2 No Maranhão	20
2.3 Em Pinheiro - MA.....	22
2.4 A alfabetização numa perspectiva de letramento no contexto atual.....	25
2.5 As desigualdades e os impactos na educação de jovens e adultos	31
3 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA	37
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO	43
4.1 Caracterização do campo de pesquisa.....	44
4.2 Instrumentos e universo pesquisado.....	45
4.3 Perfil pessoal dos profissionais pesquisados.....	45
4.4 Perfil do objeto pesquisado	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS.....	59
APÊNDICES.....	67

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos é algo importante na sociedade, pois se trata de uma oportunidade de reintegração, no qual, buscam na escola adquirir conhecimentos científicos, aprender como exercer seu papel na sociedade, uma vez que, por algum motivo, não conseguiram concluir seus estudos na idade certa.

O sistema escolar brasileiro constitui a educação básica de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases - LDB nº 9394/96 em três etapas: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. No entanto, além disso, temos oito modalidades de ensino: Educação a Distância, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Bilingue de Surdos, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos, sendo esta última objeto deste estudo.

O presente estudo teve como objetivo geral conhecer o contexto histórico e os desafios e perspectivas na Educação de Jovens e Adultos — EJA evidenciados pelos professores no cenário pós-pandemia da II etapa na EJA anos iniciais, pelo turno noturno na escola Unidade Integrada Presidente Médici. Foi realizada uma pesquisa de campo na referida escola, utilizando-se de aplicabilidade de questionários. Nos questionários houve as respostas dos professores sobre as principais dificuldades no ensino pós-pandemia.

Notou-se que toda a educação brasileira sofreu alterações no período de pandemia, pois as aulas tiveram que ocorrer de modo remoto, sendo a Educação de Jovens e Adultos uma das que mais sofreram tais alterações, e isso elevou o número de desafios que essa modalidade já atravessa. Diante disso, surgiu a problemática que conduziu a construção do estudo: quais os impactos que a pandemia trouxe na educação da modalidade de jovens e adultos e quais os reflexos que isso promoveu após voltarem as aulas de forma presencial?

A observação em relação ao questionário direcionado aos docentes teve como intuito comprovar a autenticidade dos fatos e da temática em questão, mostrando a realidade no que diz respeito aos desafios e perspectivas enfrentados pelos estudantes e professores no contexto de pós-pandemia, acentuando também a diversidade social existente no cenário escolar.

A metodologia da pesquisa foi de caráter exploratório e descritivo de natureza qualitativa, avaliando os pensamentos e ideias de autores que investigam sobre tal temática, bem como, proporcionam ao investigador um olhar mais crítico-reflexivo sobre o assunto relacionado ao pesquisado. Foi inserida no estudo a pesquisa bibliográfica com base na percepção de alguns teóricos e considerações a partir de seus pontos de vista.

A pesquisa foi feita em conjunto com uma etapa de estágio, logo foi possível observar na prática o que foi aprendido na sala de aula, cooperando também na aprendizagem dos discentes, utilizando novas metodologias e recursos didáticos que visando aprimoramento da escrita e leitura.

Foi possível perceber nas observações às metodologias de ensino aplicadas pelos professores no decorrer de suas aulas, as dificuldades que os discentes têm de aprender determinados conteúdos e como os docentes conduziam esses educandos a compreender o assunto por meio de outro panorama.

Em suma, o presente estudo está organizado em cinco seções. Logo após a introdução, salienta-se o objetivo da educação na modalidade de Jovens e Adultos, o papel do educando enquanto sujeito e seu papel na sociedade. A segunda seção vem abranger um breve contexto sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.

Na terceira seção, o estudo apresenta os desafios e perspectivas no processo de alfabetização no período de pós-pandemia na modalidade EJA.

A quarta seção mostra os procedimentos metodológicos que regem a pesquisa de campo, nos quais, exhibe os procedimentos, o cenário, a análise dos questionamentos sobre experiências do sujeito com o objeto de estudo, concluindo e desenvolvendo o tema com base no diagnóstico dos resultados. E por último as considerações finais tratam resumidamente os resultados do material desenvolvido.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: algumas considerações

2.1 No Brasil

Ao abordar sobre os desafios e as perspectivas da educação na Modalidade de Jovens e Adultos - EJA, nota-se um ambiente heterogêneo que engloba pessoas que não foram alfabetizadas na idade adequada, e por isso sente-se a necessidade de formação para desenvolver as atividades propostas.

Por isso é importante o docente conhecer um pouco do contexto social de cada sujeito, pois a partir disso, conseguirá ter uma visão de como inserir metodologias que visem uma aprendizagem significativa, uma vez que, segundo Freire (2010), a aprendizagem nessa modalidade abrange outro público, no qual, é necessário fazer uma abordagem sobre o assunto contextualizando com as experiências dos alunos.

O processo de aprendizagem nessa instância se torna-se mais acelerada, pois é realizada em curto período em que os alunos estão se apropriando de conteúdos que se julga serem de interesse à sua formação e inserção no mundo do trabalho. Todavia, um dos propósitos que se planeja alcançar é a oportunidade no mundo do trabalho que possibilite ter uma renda melhor, ou até mesmo se inscrever em um concurso de nível fundamental, médio, dependendo do seu nível de escolaridade, ou a possibilidade, posteriormente de nível superior.

Pode-se observar que essa modalidade de ensino consegue compreender esse processo de inserção da leitura e escrita, não fazendo diferenças entre os educandos.

O Artigo 208 da Constituição Federal de 1988 assegura que:

I- Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009) (Vide Emenda Constitucional nº 59, de 2009).

No artigo mencionado acima, o Estado tem como direito de garantir educação obrigatória e gratuita a todos que não tiveram a oportunidade de a fazer ou a concluir na idade apropriada, sejam eles jovens ou adultos.

O processo de ensino e aprendizagem na EJA se inicia com a chegada dos jesuítas ao Brasil em 1549, que a princípio tinham como objetivo a propagação da fé católica, assim como a catequização, que funcionava através da leitura de pequenos textos bíblicos na linguagem coloquial portuguesa. Entretanto, mesmo a educação

sendo para as crianças, os adultos não deixavam de receber instrução, só que a aquisição do conhecimento ocorria gradativamente.

Rocha (2010, p.33), salienta que o processo de aculturação indígena [...] “aumentava as responsabilidades atribuídas à Companhia de Jesus, uma vez que, a ela cabia a significativa responsabilidade da aculturação sistemática dos nativos pela fé católica, pela catequese e pela instrução”.

Conforme a citação acima, os padres jesuítas tinham um grande comprometimento em relação ao sistema educativo implementado, pois esse sistema estava integralizado ao processo de construção cultural dos nativos à fé católica, e como isso, aproveitavam para impor a cultura europeia e o ensino para catequizar a população indígena.

A condição socioeconômica no período colonial era baseada na prática comercial mercantilista, em que, havia o abuso da mão de obra escrava para o acúmulo de metal em permutas de mercadorias manufaturadas, determinados pela colônia. Logo, a função do ensino era apenas consolidar as perspectivas do colonizar, pois o principal intuito dos jesuítas era a catequização e posterior o ensino com os filhos da elite da época.

Saviani (2013), diz que a educação tinha como método tradicional de ensino o professor como figura central, a oralização e memorização, que faziam parte desse contexto, pois tudo que era ensinado eles decodificam e codificavam palavras e frases de pequenos textos, em vez de tentarem compreender o conteúdo. Então, assim como a decodificação, o processo de aprendizagem quanto à leitura e escrita era aprendido da mesma maneira. Os membros da Companhia de Jesus adaptaram métodos de ensino da doutrina cristã e a aprendizagem, divididos da seguinte forma: os indígenas eram instruídos a fé católica dada nas aldeias e a educação dos filhos da elite era feita nas academias religiosas.

Com a chegada da Companhia de Jesus e seus métodos formais de ensino, a educação de Jovens e Adultos teve um grande déficit na questão da aprendizagem nessa modalidade, uma vez que, os intitulados professores não tinham grau de instrução completo e nem superior, e logo nenhuma profissionalização para estar atuando no processo de alfabetização desses discentes.

Acredita-se, pois,

Uma das causas do fracasso do MOBRAL no seu trabalho de alfabetização do jovem e do adulto brasileiros está relacionada aos recursos humanos: o despreparo dos monitores a quem era entregue a tarefa de alfabetizar. Tratava-se de pessoas não capacitadas para o trabalho em educação, que recebiam um “cursinho” de treinamento de como aplicar o material didático fornecido pelo MOBRAL e ensinavam apenas a mecânica da escrita e da leitura, portanto, não alfabetizaram (SAUNER, 2002, p.59).

O Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL de 1970 surgiu no Brasil como a intenção de minimizar as taxas de analfabetismo. O objetivo era ensinar a leitura, escrita e cálculo a jovens e adultos que por alguma razão não conseguiram iniciar ou finalizar seus estudos no tempo previsto. Esse movimento começa a receber inúmeros julgamentos enquanto sua prática de ensino, pois não concedia aos alunos o direito de pensar e refletir acerca dos conteúdos (MENEZES, 2022).

Segundo Sauner (2002), a metodologia usada no MOBRAL era por meio do repasse de informações em que os alunos deveriam memorizar o conteúdo que era transmitido. O docente era a figura central no processo de ensino e o único detentor de conhecimento, ou seja, o discente não tinha liberdade de expressar seu ponto de vista e nem de indagar os seus professores, ele era apenas um receptor de informações, o que faz lembrar da chamada educação bancária de Paulo Freire, que diz que o ensino é “um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2017, p. 80).

Com relação a essa educação, Freire (2017), discorre que o banco receptor de informações é o aluno, no qual, este não tinha direito de expor suas opiniões, mas o seu dever era de decorar tudo o que era ensinado, e o educador apenas depositava as ideias e os conteúdos nos educandos.

Nas palavras de Leite e Macêdo (2014), o método de ensino Mobral chega a ser extinto pela falta de preparo de professores não capacitados para estar atuando, e pelo fato de não obter resultados favoráveis em vários locais do país, principalmente com as pessoas que viviam na zona rural. A partir disso, chega ao Brasil a Pedagogia Freiriana para Jovens e Adultos, que vem para alterar os métodos de ensino tradicionalistas, inovando com o ensino progressista, porém, com o golpe militar de 1964, todo aquele projeto de escola inovadora acaba sendo novamente modificado e o ensino promovido pelo Mobral volta a operar.

Dessa forma, os indivíduos que sabiam escrever apenas seu nome, eram considerados alfabetizados, e os que não sabiam sequer essa ação, eram vistos como analfabetos, não podendo assim, exercer o direito ao voto. É importante

lembrar que a alfabetização não se detém apenas a esse paradigma, a alfabetização é um processo de escrita e compreensão do objeto de estudo do sujeito (SILVA; SANTOS, 2020).

O método pedagógico dos jesuítas foi fundado por Inácio de Loyola, um dos membros e fundador da Companhia de Jesus, que criou no país o *Ratio Studiorum* que inicialmente passa por algumas modificações com a intenção de atender aos interesses da colônia e metrópole, sendo assim um privilégio das classes dominantes da sociedade.

Como diz Saviani (2013):

O plano contido no Ratio era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente por todos os jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista porque acabou destinando-se aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial. Por isso os estágios iniciais previstos no Plano de Nóbrega (aprendizado de português e escola de ler e escrever) foram suprimidos. O novo Plano começava com o curso de humanidades. Denominado no Ratio de “estudos inferiores”, correspondentes ao atual curso de nível médio. Seu currículo abrangia cinco classes ou disciplinas: retórica; humanidades; gramática superior; gramática média; e gramática inferior. A formação prosseguia com os cursos de filosofia e teologia, chamados de “estudos superiores”. O currículo filosófico era previsto para a duração de três anos, com as seguintes classes ou disciplinas: 1º ano: lógica e introdução às ciências; 2º ano: cosmologia, psicologia, física e matemática; 3º ano: psicologia, metafísica e filosofia moral. O currículo teológico tinha a duração de quatro anos, estudando-se teologia escolástica ao longo dos quatro anos; teologia moral durante dois anos; Sagradas Escrituras também por dois anos; e língua hebraica durante um ano (SAVIANI, 2013, p. 56-57).

Esse plano pedagógico de ensino jesuítico além de ser um sistema organizacional da igreja católica, era também um manual com trinta regras que os padres utilizavam de maneira sistemática e prática para a ministração de suas aulas. Esse conjunto de estudos consistia em um regulamento padrão e excludente que priorizava apenas os filhos de colonos e a burguesia da época, uma vez que, muitos pais vinham de diferentes lugares do país inserir seus filhos nas escolas da Companhia de Jesus (SAVIANI, 2013).

O *Ratio Studiorum* é um modelo de ensino que ainda persiste algumas de suas práticas atualmente, visto que, já sofreu inúmeras mudanças quanto à sua forma, pois as provas escritas e orais são usadas como instrumento para avaliar o nível de conhecimento dos alunos nas escolas e as cadeiras enfileiradas, são das organizações físicas que os jesuítas usavam em suas aulas, e que se faz presente ainda, em muitas instituições (SAVIANI, 2013).

As mulheres, indígenas, negras e pobres não tinham a oportunidade de acesso à escola, mesmo sendo de caráter universalista e elitista, assim como, o ensino não era disponível a todos, ou seja, nem todos tinham direito à educação sistematizada, só uma camada da sociedade.

Para Almeida e Sampaio (2009):

A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma história que se produz à margem do sistema de educação, impulsionada pela luta dos movimentos sociais, marcada pelo domínio e pela exclusão estabelecidos historicamente entre a elite e as classes populares neste país (SAMPAIO; ALMEIDA, 2009, p.13).

Em relação ao ensino superior no período colonial havia apenas dois cursos disponíveis, Filosofia e Teologia, que eram voltados à formação de sacerdotes. O seu único objetivo seria formar homens para atuarem na catequização indígena. Contudo, a intenção da colônia portuguesa era mantê-la totalmente dependente da metrópole, com isso os cursos superiores foram extintos em todo o Brasil, e os filhos de colonos e da burguesia precisaram se deslocar para a universidade de Coimbra (SAVIANI, 2013).

Em 1759, o primeiro-ministro de Portugal, Marquês de Pombal, expulsou os jesuítas das colônias, chegando a tomar todos os bens que eles conquistaram durante o período que trabalharam na educação a serviço da coroa. Para impedir o declínio de Portugal foram adotadas medidas de cunho modernizante para aperfeiçoar a gestão do império português, posto que, encontrava-se em estado de decadência em comparação aos países europeus (MACIEL; NETO, 2006).

Marquês de Pombal se alia ao Estado, começando um conjunto de reformas no âmbito educacional e administrativo, visto que, anteriormente, o único interesse da Companhia de Jesus quando estava no poder era a propagação da fé católica.

Dando um salto na história, chega-se ao Brasil imperial,

Essa distância entre o proclamado e o realizado foi agravada por outros fatores. Em primeiro lugar, porque, no período do Império, só possuía cidadania uma pequena parcela da população pertencente à elite econômica à qual se admitia administrar a educação primária como direito, do qual ficavam excluídos negros, indígenas e grande parte das mulheres. Em segundo, porque o Ato Adicional de 1834, ao delegar a responsabilidade por essa educação básica às Províncias, reservou ao governo imperial os direitos sobre a educação das elites, praticamente delegando à instância administrativa com menores recursos o papel de educar a maioria mais carente (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

Percebe-se no fragmento acima, que no período imperial a partir de 1808 com

a chegada da corte portuguesa no Brasil, o ensino superior ficou sob a responsabilidade do império e a instrução primária e secundária após o Ato Adicional de 1834 passou a ser obrigação das províncias. Sendo assim, substituiu-se o sistema educacional utilizado pelos jesuítas pelas aulas régias, que começaram a ser colocadas em prática, visando a organização do ensino, posto que, estava sob custeio do Estado Português.

Logo, tanto as reformas quanto ao seu modelo de currículo proposto, não tiveram resultados positivos, em consequência da expulsão dos jesuítas, pois a maioria dos professores não estava apta para ministrar aulas, dado que, os docentes permaneceram os mesmos que estavam durante a Companhia de Jesus (SAVIANI, 2013).

Em 1878, com Decreto Imperial de nº 7.031, foram criados os primeiros cursos noturnos para jovens e adultos analfabetos, exclusivamente para o universo masculino, nas instituições públicas. Em 1940, a EJA constitui-se como política pública educacional.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e Estado Novo, levantam-se públicas educacionais voltadas para o sistema educacional de jovens e adultos. Todavia, em 1947 o governo promove a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA.

Com isso, segundo Ramos e Brito (2016), a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos é lançada com objetivo de diminuir as taxas de analfabetismo presentes no Brasil, assim como, atender o público que não teve a oportunidade e acesso à educação. Até então, as pessoas que moravam na zona rural não tinham esse acesso e a partir da CEAA tem-se uma oportunidade de estudo que posteriormente contribuiu na redução do índice de analfabetismo no Brasil.

No início da década de 1960, aconteceram vários movimentos relacionados ao combate do analfabetismo, como resultado surgiram mudanças direcionadas à alfabetização de jovens e adultos. Os meios de instrução e cultura popular desenvolvidos nesse período foram a filosofia e a alfabetização de Paulo Freire.

Com o fim da Primeira República (1889-1930) e o começo da Era Vargas (1930-1945) no Brasil surgiram vários movimentos voltados à questão política, econômica e educacional. UM dos precursores e criadores da educação na escola pública foi o educador Anísio de Teixeira.

Conforme, Starlles (2021) o movimento de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, defendia uma educação de forma igualitária, pública, laica e gratuita, que fosse acessível para todos, sem distinção quanto à classe social, status e poder. Todos teriam que ter acesso e direito aos estudos escolares.

Com isso, o autor mencionado pontua que no início da década de 1920 surge a Escola Nova, influenciada pela filosofia de John Dewey (1852-1952). Esse movimento pontua a restauração do ensino brasileiro nas escolas, não aprovando o modelo de ensino tradicional que por muito tempo se fez vigente na educação, e foi o que ocasionou o aumento das taxas de analfabetismo no Brasil, pois rejeitava as demais pessoas da sociedade, uma vez que, era destinada apenas aos filhos da elite.

Anísio Teixeira criou a Universidade do Distrito Federal e escolas com objetivo de erradicar o analfabetismo e propiciar uma alfabetização profissionalizante em tempo integral, designada às pessoas carentes, pois por muito tempo não tiveram a possibilidade de ingressar em uma escola. Vale mencionar que o movimento da Escola Nova abriu portas para a expressão, questionamento e diálogo entre professor e aluno, promovendo assim, um ensino horizontalizado, deixando de lado a memorização de conteúdo, na qual era ensinado, principalmente, conhecimentos relacionados com a doutrina religiosa (STARLLES, 2021).

Surgiram várias campanhas voltadas a trabalhos sobre a EJA. A campanha constituída em 1957, sobre o Sistema Rádio Educativa Nacional (SIRENA), tinha o apoio da Igreja Católica que propunha um ensino para adultos, mediante uma plataforma de rádio foi realizada por meio de produções radiofônicas.

As campanhas, em torno da alfabetização de adultos que surtiram grande destaque em meio ao processo de ensino de jovens e adultos. Em um cenário marcado por grandes avanços no campo das políticas sociais que traziam consigo o problema do analfabetismo, a presença marcante e as ideias de Paulo Freire passam a ser referência no processo de ensino, de modo especial no campo da EJA (SOUZA; SILVA, 2018, p.4).

Segundo a citação supracitada, observa-se que as campanhas apresentaram avanço na educação de jovens, voltadas apenas para uma parcela da população, o que acentuou muito o analfabetismo no Brasil.

Durante a década de 40 surgiram várias organizações políticas e educativas como o Fundo Nacional de Ensino Primário - FNEP; o INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, estimulando e realizando

estudos na área; como também o surgimento de ações direcionadas ao ensino supletivo; a CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes, estudos estes que deram importância à elaboração dos materiais pedagógicos destinados a esse grupo de pessoas (OLIVEIRA, 2019). Este último movimento, “foi responsável por criar uma infraestrutura nos estados e municípios para atender à educação de jovens e adultos” (HADDAD; PIERRO, p.111).

Conforme a Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, tem o propósito de garantir a todos os indivíduos o direito ao estudo em escola pública, sem preconceito. Nesse entendimento constitucional, o jovem ou adulto têm o direito à educação, perante o que consta nas legislações e no regulamento do dispositivo legal que na Lei nº 10.741/2003 no artigo 21. “O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados”.

Nos dias atuais é função de o governo garantir à educação sistematizada a todos, que seja de qualidade para as camadas desfavorecidas que desejem continuar os estudos, ou que não cursaram o ensino fundamental ou médio na idade devida. Diante disso, é assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (Lei n.º 9.394/96) através do artigo 37 que: “Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas [...]”.

O Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos - PNEDH de 2003, afirma “[...] a Educação Básica, como um primeiro momento do processo educativo ao longo de toda a vida, é um direito social inalienável da pessoa humana e dos grupos socioculturais (sic)”. Em outras palavras, o PNEDH vem dizer que o ensino básico é fundamental para o educando entender o contexto ao qual está inserido na sociedade, bem como, compreender o conteúdo que vai ser estudado a partir de elementos presentes nos seus relacionamentos sociais e culturais.

O processo educativo não se restringe apenas no início ou conclusão em idade regular, pode-se ingressar na escola em qualquer idade, sendo um direito de todo cidadão e dever do Estado garantir educação para todos os grupos sociais. Na LDB 9394/96, art.37 § 2º. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”. Acredita-se, pois que o poder público incentivará o ingresso e continuidade das pessoas nas instituições públicas de ensino.

Então, pelo que consta no regulamento, o poder público é o encarregado pelo acesso ao jovem ou adulto fora da idade escolar no âmbito educacional, sendo necessária a adaptação dos currículos, uma vez que, o recurso do livro didático e as metodologias empregadas para crianças e adolescentes não poderão ser aplicadas da mesma forma. Posto isto, é uma faixa etária que o docente deverá investir em novos métodos de ensino para garantir uma aprendizagem significativa no educando.

Assim sendo, a Lei das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos coincide com a CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000 (BRASIL, 2000), no qual, deve ser avaliado a organização do currículo nesse tipo de categoria de ensino como regem na:

Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio [...] (BRASIL, 2000).

De acordo com as DCNs, a citação referida, diz que o currículo desta modalidade de ensino deve estar apropriado para ser desenvolvido na sala de aula com os discentes, visto que, os indivíduos presentes nesse espaço têm diferentes faixas etárias, dessa forma, as técnicas aplicadas devem abranger a turma em sua totalidade.

Além das atividades direcionadas ao público na EJA serem adaptadas de acordo com a idade dos educandos, a inserção das vivências cotidianas relacionada ao objeto que se pretende ensinar é importante, pois incentiva esse aluno a participar das aulas e, conseqüentemente, estar aprendendo o conteúdo através de exemplos de seu cotidiano.

2.2 No Maranhão

A Educação de Jovens e Adultos percorreu por um longo caminho que envolveu movimentos sociais, eventos e legislações, nas quais foram efetivadas com objetivo de erradicar o analfabetismo e propagar a evolução do ensino brasileiro. Foi garantida pela Constituição Federal de 1988 no artigo 205 a educação como “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu

preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. E o apoio por uma educação igualitária, construtivista e libertadora, deve-se ao educador Paulo Freire, que deixou um grande legado na instrução de jovens e adultos.

Dessa forma, no estado do Maranhão é perceptível que a trajetória da educação de jovens e adultos seguiu os mesmos rumos da educação nacional. Os movimentos nacionalistas nas esferas sociais, políticas e educacionais foram repercutidas e com isso, esse estado teve que se adequar às exigências nacionais.

No entanto, a falta de investimento na área da educação também era escassa, na qual, só a elite recebia privilégios (PIRES, 2019).

Segundo Moura (1999, p.27), o ensino supletivo era:

(...) iniciativas variavam entre a definição de objetivos predominantemente político, como no caso das campanhas que visavam preparar as massas para que fosse possível organizar a vida do país em bases democráticas, ou obter resultados quantitativos e instrumentais, a exemplo do sistema Supletivo, cujo objetivo era diminuir os índices da população analfabeta e inseri-la no sistema produtivo. Para atingir esses objetivos o ensino Supletivo desenvolvia uma prática semelhante às desenvolvidas com as crianças.

É possível notar em Moura (1999) que as iniciativas do supletivo ocorreram por meio de campanhas que tinham como objetivo organizar o país e, conseqüentemente, o Maranhão em reduzir os altos índices de analfabetismo. Dessa maneira, após o surgimento desses movimentos sociais o supletivo é efetivado para atender a camada social que não teve acesso à educação na idade certa, sendo desempenhado com práticas análogas as que os professores aplicam com crianças.

Feitosa (2011, p.16) contempla que:

Qualquer pessoa que se disponha a alfabetizar deve ter isso claro, devendo, acima de tudo, reconhecer no alfabetizando alguém que, na sua vivência, acumulou sabedoria, domínio de formas de sobrevivência, de se relacionar com o mundo, enfim, acumulou cultura. Portanto, pode e deve contribuir de maneira significativa para a construção da metodologia que o fará apropriar-se do código escrito.

Feitosa (2011), expressa ainda que a prática da alfabetização no Maranhão, assim como em outros estados deve ser sistemática, ou seja, o docente deve estabelecer relação dos conteúdos trabalhados em aula com as vivências cotidianas dos alunos, suas experiências, seus conhecimentos acerca de mundo, para que, os alunos dessa forma, possam compreender acerca das temáticas em estudo por meio de metodologias que façam com que o educando se aproprie do código da escrita

como menciona a autora na citação referenciada.

Conforme Araújo e Romero (2019):

O Piauí ficou atrás apenas do estado do Alagoas que teve uma taxa de 17,2% de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos. No Brasil, a taxa é de 6,6%, sendo que os estados com menores índices de pessoas analfabetas foram o Rio de Janeiro (2,4%) e Santa Catarina (2,5%). Quando o público é de pessoas com 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo do Piauí continua sendo a segunda maior, perdendo apenas para o Maranhão. Ao todo, 42,7% dos idosos piauienses não são considerados alfabetizados, enquanto a taxa no estado vizinho é de 45,5%. A média brasileira é de 18% e o RJ também mantém a menor taxa, de 6,3% (ARAÚJO; ROMERO, 2019, s/p).

A partir da citação supracitada, o Maranhão tornou-se o primeiro estado que apresentou maior índice de taxa de analfabetismo com sujeitos acima de 15 anos (ROMERO, 2019). Atualmente, o estado que apresenta um quantitativo baixo enquanto ao número de pessoas alfabetizadas é o Rio de Janeiro com cerca de 2,4% e Santa Catarina com 2,5%.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o Maranhão em 2016 destacou-se com o maior índice de analfabetismo do Brasil, totalizando cerca de 396.000 pessoas com idade de 60 anos em diante que não sabem ler e escrever. O supervisor do IBGE, José Reinaldo cita que a falta de políticas específicas e ações educacionais voltadas a esse público impedem a diminuição dessa taxa alarmante e preocupante no Maranhão, o que gera retrocessos educacionais, econômicos e sociais (CARDOSO, 2018).

À vista das informações citadas em relação à EJA no estado do Maranhão, é visível que a educação de jovens e adultos ainda seja precária nesse estado, na qual expõe um dos maiores índices de analfabetismo no Brasil. Acredita-se, diante desse cenário alarmante, que a implementação de políticas públicas educacionais seja de caráter fundamental para que os discentes jovens e adultos ingressem e permaneçam nas instituições de ensino, evitando assim, a evasão escolar e contribuindo para que essas taxas diminuam e as pessoas evoluam educacionalmente.

2.3 Em Pinheiro - MA

A Educação de Jovens e Adultos no município de Pinheiro, localizado no estado do Maranhão, ocorreu em razão de um processo de campanha supletiva na sede do município, na qual, se faz presente desde o ano de 1966. Dessa maneira,

com a consolidação do governo estadual, dispõe-se do Grupo Escolar Elizabeto Carvalho, tendo Ligia Leite Moraes como diretora da instituição para o ensino de jovens e adultos. As campanhas e programas sociais voltados à educação dos alunos na EJA, foram bastante discriminados pela sociedade e pelos gestores da educação daquela época (DINIZ, 2008).

Diniz (2008) pontua que na década de 1970, foi implantado o Mobral na cidade de Pinheiro, pelo presidente da câmara municipal João dos Santos Moreira, pelo prefeito Raimundo Humberto Pinheiro e pela então secretária de educação, Professora Deny Reis Leite. Uma descrição dos trabalhos do Mobral em Pinheiro feita pelo jornal da época:

No decorrer dos trabalhos usaram da palavra, dentro do programa elaborado Constâncio de Araújo Silva, Eni Gomes e Narni Theodosio, respectivamente, representantes dos municípios de: Bequimão, Santa Helena e Pinheiro. em nome do prefeito de Bequimão falou o senhor Walter Pestana Ribeiro, secretário municipal, parabenizando os concludentes pelo êxito alcançado; poeta Abílio Loureiro (que após ligeiras palavras, dedicou as monitoras do MOBREAL, a “poesia sertaneja” da autoria de Augusto dos Anjos - “É crime não saber ler” (JORNAL DA CIDADE DE PINHEIRO, 1970, p. 2).

Durante a década de 1970, o Mobral movimentou a comunidade pinheirense, através de comentários que se tornaram notícias que se espalharam pela zona urbana da cidade e posteriormente na zona rural, como dita o Relatório Municipal da Educação de 1972.

Eram supervisionados duas vezes por semana por membros da comissão os postos de alfabetização da sede e dos povoados Pacas e Bom Viver (os mais próximos). Além das visitas foram realizadas reuniões com monitores e a coordenação para avaliação das atividades e sugestões para possível melhoria (JORNAL CIDADE DE PINHEIRO, 1972, p. 12).

Começa a ter-se um olhar diferenciado para a educação deste município com a implantação do Mobral, pois com a chegada desse programa a educação de jovens e adultos começa a se tornar uma realidade alcançada pela sociedade.

Com base no relatório das atividades das turmas de educação integrada de 1971, diz que:

Postos nº 2 e 3 - Localizado no colégio pinheirense monitoras Lourdes Beckman Soares e Maria de Lourdes Dias Sousa, trabalha a abril, planejavam suas aulas em conjunto e todas as 6ª feiras, reúnem-se as duas turmas para debate sobre as noções aprendidas durante a semana (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DAS TURMAS DE EDUCAÇÃO INTEGRADA, 1971, p. 5)

Dessa forma, o sistema de ensino do Mobral teve uma “Educação Integrada”, isto é, as salas eram multisseriadas com jovens e adultos. O planejamento e suas respectivas atividades eram realizados por meio de encontros semanais, como é enfatizado no relatório da “Educação Integrada” de julho de 1971.

Segundo Diniz (2008), em 1974 com o avanço do Mobral em Pinheiro, foi possível expandi-lo para a zona rural, uma vez que, os indivíduos que moravam em localidades de difícil acesso de deslocamento à sede, começaram a receber materiais didáticos após o convênio assinado pelo então prefeito da cidade e pelo presidente da COMUN. O Relatório do Mobral da época, expõe que:

ASSINATURA DO CONVÊNIO - No dia 05 de Abril de 1974 foi assinado o convênio pelo Sr Prefeito Municipal e Presidente da COMUN para o funcionamento de 50 classes de alfabetização, sendo oito localizadas na sede 42 na zona rural(...). Após assinatura do convênio foi feita a distribuição do material didático pelo Sr. João Batista Pinheiro - ERAP, constando de conjuntos didáticos das editoras LISA e BLOCH, giz e quadro (1974, p.14).

Com o convênio assinado para distribuição de recursos didáticos e funcionamento das aulas na zona rural, tem-se a oportunidade da alfabetização e do ingresso de diversos educandos em escolas ruralistas, o que anteriormente não era possível devido essas instituições só funcionarem na sede, ou seja, na zona urbana.

Nos anos noventa, Diniz (2008) relata a criação de um grande projeto “Grandes Centros Urbanos”, que em 2001 recebeu cerca de 138.718 alunos dos estados, no qual esse programa unificou o Projeto de Escolarização de Jovens e Adultos. Esse projeto teria a chance de conseguir recursos do FNDE (Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação), uma política pública educacional voltada para atender à educação básica.

Atualmente constata-se que o modelo de educação na cidade de Pinheiro oportuniza vários jovens e adultos a se matricularem nas diversas escolas disponíveis que a cidade disponibiliza para a sociedade que não é alfabetizada na idade certa.

Dessa forma, é possível notar que a educação não só em Pinheiro e no Maranhão, mas no Brasil, percorreu por um longo caminho em que o ensino era baseado na doutrina cristã, logo em seguida o Mobral começa a ser inserido nas escolas, também se têm movimentos e campanhas desenvolvidas para alunos dessa modalidade de ensino.

2.4 A alfabetização numa perspectiva de letramento no contexto atual

A EJA percorreu por um longo processo até chegar ao que se tornou hoje em dia, pois existia uma desigualdade social que privilegiava somente as classes dominantes da época, e com isso as mulheres e homens que não fizessem parte desse padrão estipulado pela sociedade, eram excluídos e não tinham direito de ter acesso à educação, assim como os demais, é equivale mencionar que até o momento atual ainda se tem resquícios desse sistema de escolarização (CARBONE, 2013).

O livro didático e a impressão de atividade em folhas são recursos importantes e bastante utilizados pelos docentes na sala de aula, no entanto, é necessário que as atividades alfabetizadoras não se detenham somente a esses meios de codificação e decodificação. É notório que os docentes que aderem somente a essas práticas não têm profissionalização para estar atuando na área, uma vez que, o ensino tradicionalista ainda é aplicado (GADOTTI, 2008).

Os métodos sintético e analítico de escrita são resquícios de um ensino tradicional que ainda se faz presente na realidade de muitos educandos, uma vez que estes não oferecem a oportunidade de analisar e refletir sobre o que está sendo ensinado, pois os exercícios mecânicos ainda se fazem presente nas atividades de reescrita de textos e junção de sílabas (ALBUQUERQUE; MORAES; FERREIRA, 2010).

O ambiente escolar vem dar a chance desse sujeito pertencente à modalidade EJA de se expressar socialmente, ter autonomia, ser crítico, ter seus próprios posicionamentos, o que a sociedade global não possibilita. Nascimento (2013), vem dizer que a modalidade na EJA:

É uma modalidade do ensino fundamental e do ensino médio, que possibilita a oportunidade para muitas pessoas que não tiveram acesso ao conhecimento científico em idade própria dando oportunidade para jovens e adultos iniciar e /ou dar continuidade aos seus estudos, é, portanto, uma modalidade de ensino que visa garantir um direito aqueles que foram excluídos dos bancos escolares ou que não tiveram oportunidade de acessá-los (NASCIMENTO, 2013, p. 12).

Baseado no pensamento de Nascimento (2013), é uma chance para esses jovens e adultos que tiveram como estudar no tempo certo, e que por muito tempo foram excluídos da sociedade por serem pessoas leigas e não terem entendimento de certos assuntos. No entanto, a escola vem para ajudar esse estudante a saber se

expressar socialmente e conseguir analisar e expor suas opiniões de maneira satisfatória.

É citado pelo “educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 2017, p. 96). Com isso, é possível perceber que na sala de aula o conhecimento não se detém somente na figura do professor, Freire vem nos mostrar uma visão de que o professor também aprende com o estudante, através da comunicação com o sujeito no que diz respeito aos pontos de vista, posicionamentos e experiências que contribui para construção de seu conhecimento.

Albuquerque, Morais e Ferreira (2013), vêm apresentar um contexto de alfabetização e letramento diferente das práticas de memorização que eram aplicadas no período colonial. Logo, esse processo de aquisição de conhecimento vem abranger duas etapas: a alfabetização caracterizada pela reprodução dos sons e da fala, isto é, quando se comunicam formando fonemas a partir da fala, então isso quer dizer que a aprendizagem de um texto escrito se dar por meio do letramento, uma vez que, baseado na concepção dos autores, para a aprendizagem ocorrer significativamente na vida do sujeito é necessário passar por esses dois sistemas a alfabetização e letramento.

Assim, pode-se afirmar que:

Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento e entre alfabetizado e letrado.
[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES 1998, p.39-40).

O sistema de leitura e escrita é como uma tecnologia, que é necessário codificar e decodificar a escrita transformando algo próprio, ou seja, o sujeito começa a entender e ver sentido nas coisas.

Cabe lembrar que por mais que a pessoa seja alfabetizada, isso não quer dizer que ela seja letrada, uma vez que, o indivíduo alfabetizado é aquele que conhece apenas as letras e palavras e o letrado consegue se expressar socialmente, tem hábito de leitura e posterior o da escrita, sendo um sujeito autônomo e ativo nas questões sociais da sociedade. Logo, Soares (2003), expressa que “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a

leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

A alfabetização de Jovens e Adultos assegura às pessoas que não têm domínio da escrita ou leitura o desenvolvimento e, conseqüentemente, ter autonomia no desenvolvimento de suas ações.

Albuquerque; Morais e Ferreira (2010), mencionam que não adianta apenas a leitura de textos complexos ou diferentes do cotidiano do estudante, é necessário textos baseados nas vivências diárias para que eles possam reconhecer suas experiências e reproduzir suas ideias, pontos de vista dialogando com o professor e com os demais alunos, e posterior exercendo a prática da escrita com a mediação do docente.

Tura (2005), diz que as instituições educativas são espaços que oferecem ao aluno o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e interação com o outro acerca de seus aprendizados, relacionando-os com as atividades de textos aos quais são lidos na sala de aula. A prática na leitura de temas recorrentes com o contexto social do indivíduo contribui de forma considerável no seu processo de alfabetização.

A necessidade do planejamento de aulas com temáticas recorrentes para o processo de alfabetização na EJA é essencial, tanto para o docente atuante, quanto para o aluno que está aprendendo. O planejamento é extremamente importante na vida do ser humano, pois sem ele a organização de sua rotina acaba se tornando exaustiva e sem produtividade nenhuma no final do dia, não sendo possível ter êxito nas atividades ao qual serão desempenhadas.

No ambiente educacional não pode ser diferente, em razão de como o docente irá ministrar uma boa aula ao seu aluno sem ter se preparado? É uma questão a se pensar e refletir sobre como se tem planejado antes de entrar na sala de aula. Posto que, o discente percebe o quando o professor tem domínio de sua fala, logo o educador deve adquirir o bom hábito, de fazer seu planejamento antes de lecionar para seus alunos, uma vez que, a partir de seu preparo e técnicas adequadas, é possível obter um bom resultado.

E esta afirmativa está expressa neste arquivo das DCNs da EJA:

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer. (BRASIL, 2000, p.56)

A vista disso, o educador tem que ter o cuidado de estar sempre aperfeiçoando suas metodologias de ensino cotidianamente, conforme as especificidades de seus alunos, tornando-se desta forma, um bom profissional que não perde tempo, e sim otimizá-lo a partir da organização de seu planejamento para sua rotina diária de trabalho.

Logo, conhecer a realidade do estudante é importante para o professor porque só assim ele poderá estar adaptando seus conteúdos conforme as particularidades de seus alunos, não os deixando excluídos desse processo de alfabetização fundamental para a vida do indivíduo. Conseguindo observar suas reais dificuldades e buscar aperfeiçoamento em suas atividades visando avançar e progredir nas suas ideias e fundamentos escolares.

De acordo com Albuquerque, Moraes e Ferreira (2017), a importância da leitura de textos com diversas temáticas auxilia durante o processo de alfabetização, assim como, se for um assunto que o educando tenha familiaridade, a leitura acaba se tornando proveitosa, visto que o aluno começa a sentir o prazer de ler o texto em estudo, contribuindo dessa forma para ampliação de suas percepções sobre o tema.

Dessa maneira, a integração de textos diários durante o momento de conversas informais em aula é importante para o sujeito aprender em conjunto com os outros discentes, bem como, é uma metodologia diferenciada que provoca interrogações sobre determinados gêneros textuais, sendo uma forma de apresentar autores referenciais no campo da educação para poderem conhecer e posteriormente irem se apropriando da leitura desenvolvendo assim, seu vocabulário com os textos lidos, auxiliando na alfabetização e também sendo uma maneira que o aluno estabelece uma proximidade com outros gêneros textuais diferentes do que costuma ler (LEAL; ALBUQUERQUE; AMORIM, 2017).

Nesse sentido, Corti e Vóvio (2007, p.65):

Expor os educandos a variados textos e situações de produção, analisar e refletir sobre os textos são estratégias fundamentais nessa etapa. Não basta que observem em copiem um determinado texto. É preciso que realiza um trabalho de reflexão sobre sua forma e feitiço - por exemplo, sobre o tipo de leitura, se a imagens ou não e para que servem, quais termos, expressões e palavras comuns àquele texto, o estilo empregado, se tem um tom informal ou mais formal, onde foi publicado, etc. (CORTI: VÓVIO, 2007, p.65).

Nessa citação, nota-se que os textos e suas produções têm um papel significativo na aprendizagem do sujeito, uma vez que, auxiliam a refletir e articular seus pensamentos, já que, não é suficiente somente realizar transcrição um determinado texto, é necessário compreender a mensagem que aquele texto quer apresentar ao leitor, podendo ser formais ou informais, etc., pois “capacidade de ler e escrever não só um bilhete simples, mas gêneros diversos em contextos diferenciados” (ALBUQUERQUE; LEAL, 2010, p.153).

A questão da oratória na modalidade EJA é algo que provoca insatisfação aos alunos. Segundo Albuquerque; Moraes e Ferreira (2010), por meio de seus relatos de experiências que se tem um enorme preconceito linguístico da sociedade considerada culta com esse grupo de pessoas que não sabem se expressar adequadamente, e utilizam de uma linguagem informal ou falam errado no momento que expõem suas opiniões ou conversam sobre determinado assunto.

Diante disso, essa é uma modalidade que deve ser levada a sério e não ser tratada como diferente, visto que, o objetivo da educação é direcionar o discente a produzir seu próprio conhecimento e saber exercer seus direitos e deveres e não o julgar e excluí-lo do meio social que faz parte, posto que, cada pessoa tem um motivo, assim como, adversidades que acabaram impedindo de estarem estudando no tempo certo.

É considerável salientar que no decorrer das aulas a presença da interdisciplinaridade facilita o diálogo com outras áreas do conhecimento, estabelecendo destarte relações, com objetivo de aperfeiçoar o trabalho de ensino aprendizagem com os discentes na sala de aula.

O autor exprime que:

O objetivo fundamental da interdisciplinaridade é experimentar a vivência de uma realidade global, que se inscreve nas experiências cotidianas do aluno, do aluno, do professor e do povo e que, na escola tradicional, é compartimentada e fragmentada. Articular saber, conhecimento, vivência, escola, comunidade, meio ambiente, etc. É o objetivo da interdisciplinaridade, que se traduz, na prática, por um trabalho coletivo e solidário na organização do trabalho na escola (GADOTTI, 2010, p.65).

Gadotti (2010), enfatiza os fundamentos prévios e experiências vivenciadas pelos sujeitos como fundamentais durante a construção de seu conhecimento. E a influência da interdisciplinaridade permite que conteúdos de outras disciplinas possam estar se relacionando com objeto em estudo, possibilitando assim, uma noção mais ampla sobre a temática, outrora que na pedagogia tradicional era bem segmentado.

Desse modo, a inclusão de articulações do meio social que vive e a programática de conteúdo é fundamental para estar usando na modalidade de jovens e adultos, pois esse cenário tem como intuito mostrar aos educandos a relação das diversas áreas específicas de conhecimento globais, correlacionado com exemplos de seu cotidiano.

Logo, o educador deve estar sempre se aperfeiçoando em sua área, e ter formação continuada singular para trabalhar na EJA, como apresentado pela figura do CEB/CNE 11/20006: “Trata-se de uma formação em vista de uma relação pedagógica com sujeitos, trabalhadores ou não, com marca das experiências vitais que não podem ser ignoradas”. Haja vista que, o processo de escolarização propicia um amadurecimento tanto na vida sociável quanto particular, além de tornar oportuno seu acesso ao mercado de trabalho.

Oliveira, Oliveira e Scortgagna (2012), mencionam sobre a educação como prática social:

A educação constitui uma prática social e deve ser comprometida com a emancipação dos alunos, visando a construção de uma escola democrática, permitindo uma maior participação efetiva dos indivíduos na sociedade e permitindo que usufruam da cidadania em seu sentido pleno. O domínio da leitura e da escrita possibilita uma visão crítica do mundo, de situar-se nele instrumentalizado para uma participação política (OLIVEIRA, OLIVEIRA, SCORTGAGNA, 2012, p. 67).

A educação de jovens e adultos deve ser integrada como uma práxis social em que todos participem de ações, atividades e troca de experiências que propiciem uma visão crítica sobre o mundo, garantindo sua participação ativa na sociedade, já que, a escola é um ambiente democrático em que todos podem usufruir de sua condição de estudante e cidadão no corpo social em que residem e paralelamente contribuindo no seu processo de aprendizado.

Masagão (2001), diz que incentivar a compreensão daquilo que os sujeitos já conhecem é uma forma de mantê-los atualizados, assim como, estimula o desempenho de metodologias apropriadas que visem o conjunto de experiências de

vida e acontecimentos que têm sobre os conteúdos em estudo, avaliando seu grau de conhecimento e conhecendo suas peculiaridades, para poder assim, os docentes adequarem seus métodos e conteúdos conforme as necessidades de seus alunos.

Freire (2002), frisa que o processo de alfabetização na modalidade de jovens e adultos é um:

[...] ato de conhecimento, o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (FREIRE, 2002, p. 58).

Freire pontua sobre a questão do diálogo entre professor e aluno como algo essencial no processo de aquisição de conhecimento dos sujeitos, pois ambos aprendem uns com outros, diferentemente de como a pedagogia tradicional era posta, na qual o aluno tinha que memorizar tudo que o professor falava, sem ter a chance de raciocinar e refletir sobre o conjunto de temas e assuntos em estudo, era um sistema de ensino que o docente era o único que possuía conhecimento.

A formação continuada é um passo importante e essencial na carreira de todo docente que trabalha nas redes de ensino. Sendo um momento de construção e reconstrução de saberes que contribui para seu desempenho próprio e profissional, facilitando também a aprendizagem com seus educandos, recorrendo a metodologias adaptadas e ativas, colaborando assim, no processo educacional de alunos jovens e adultos.

2.5 As desigualdades e os impactos na Educação de Jovens e Adultos

A educação na modalidade de jovens e adultos é o próprio reflexo da desigualdade social existente no país. A falta de oportunidade e as taxas de evasão escolar são algo que se perpetuam e contribuem para ocorrer o analfabetismo. No entanto, existem pessoas que mesmo diante de suas dificuldades, almejam por possibilidades melhores com intuito de favorecer uma amplitude no seu conhecimento, pois por algum motivo ou circunstância não foi possível estudar no tempo propício.

Andrade (2004, p. 45), diz que:

Perceber esses jovens do ponto de vista da EJA revela uma condição marcada por profundas desigualdades sociais. Na escola de EJA estão jovens reais, os jovens aos quais o sistema educacional tem dado as costas. Percebê-los significa a possibilidade de dar visibilidade a esse expressivo grupo que tem direito à educação e contribuir para a busca de resposta a uma realidade cada vez mais aguda e representativa de problemas que habitam o sistema educacional brasileiro como um todo (ANDRADE, 2004, p.45).

Esse cenário, Andrade (2004) relata a diversidade vigente na modalidade de jovens e adultos como categoria de pessoas excluídas da sociedade por não ter certo nível de formação e conhecimento. É descrito na citação supracitada que um dos problemas existentes no sistema pedagógico brasileiro é a desigualdade social, que vem desde o período que a burguesia controlava e explorava a classe proletária.

À vista disso, Andrade (2004), lembra que o docente deve sempre estar valorizando a capacidade dos indivíduos dos alunos adultos, quanto ao desenvolvimento e desempenho de suas atividades em aula, bem como suas participações e entendimentos, em razão de que cada pessoa tem seu tempo de aprender e respectivas formas de compreender o conteúdo, uma vez que, o processo educacional chega a promover aos mesmos instrumentos culturais que colaboram no seu progresso de ensino aprendizagem e possibilita a compreender a valorização de seus costumes, hábitos e crenças na sociedade em que vive.

Ireland (2020), expressa que a EJA é designada a uma camada social que ingressa na escola com propósito de inserir-se e tornar-se conhecida pela sociedade, uma vez que, quanto melhor for seu grau de formação, melhor sua qualidade de vida, influência e visibilidade no meio social ao qual faz parte.

Dessa forma, um dos motivos que levam esses indivíduos dessa modalidade de ensino a resgatar ou finalizar o processo de alfabetização perdida, é conhecer a comunicação linguística falada e escrita, pois acabam sendo prejudicados em diversas situações por não saberem diferenciar o certo do errado em razão de serem analfabetos.

As instituições escolares preencher essas lacunas e ensinar aos discentes a superar dificuldades, assim como, estimular a não desistir de seus objetivos e a continuar na escola. Torres (2010, p. 30), declara que “algumas análises realizadas com professores mostram que os motivos da evasão e repetência são atribuídos a fatores didáticos e pedagógicos como os principais causadores e desestimuladores da baixa estima dos seus educandos”.

Por isso, há relevância de estratégias que visam as dificuldades e em seguida

à continuidade desses discentes para enfim concluir seus estudos. Além da sala de jovens e adultos ser considerada múltipla, cada pessoa apresenta uma realidade diferente, ou seja, cada uma tem suas especificidades. Segundo assegura Arroyo (2005, p.22), “Jovens e adultos com rosto, com histórias, com cor, com trajetórias sócio-étnico-racial, do campo e da periferia”.

Ao observar os perfis dos sujeitos que fazem parte desse grupo pertencente à modalidade na EJA, a escola deve agir nesses locais, promovendo um espaço de considerações em que essas pessoas possam ter a concepção do senso-crítico e entendimento para transformar e apropriar-se de seus direitos como cidadão.

Segundo Saltini (2008, p.29):

A educação abre caminhos e tornando-se gente, o indivíduo qualifica-se como um ser social pronto para contribuir para o seu país e também para a sociedade. Um ser livre que busca, critica, renova, entende, pensa e possui estrutura necessária para integrar-se à sua família e ao seu Estado. Enfim, ele é um ser que se relaciona em cooperação e desafios, principalmente em competições.

Então, segundo Saltini (2008), o indivíduo que não teve educação básica na idade certa, ele busca se integrar na sociedade e ao Estado de alguma forma. Logo, a implementação de políticas públicas educacionais é importante para que esse grupo de pessoas consiga atingir seus objetivos.

O problema do analfabetismo brasileiro tem se agravado pela falta de políticas públicas, e pela [...] falta de consciência social, pois, parece haver certa invisibilidade desse tema, como se pudéssemos marginalizar milhões de brasileiros. Não é um problema residual, nem do passado, mas que se repete a cada dia (DI PIERRO, 2010, p. 27-33).

Por isso, a criação de novas políticas não deve permanecer só no papel, elas devem ser cumpridas tendo em vista a melhoria do ensino realizando a inclusão desse público, para que ao concluir seus estudos possa ingressar no mundo de trabalho. Mas para isso acontecer, os professores atuantes devem estar habilitados para exercer essa função, por técnicas de ensino padronizadas que tenham em vista um projeto de ensino organizado e baseado na aprendizagem significativa nos educandos (DI PIERRO, 2010).

Enfatiza Arroyo (2005, p. 28), que: “teimar em reduzir direitos a favores, à assistência, à suplência, ou a ações emergenciais é ignorar os avanços na construção social dos direitos, entre eles a educação de jovens e adultos.” Logo, ao analisar o direito à educação para esse grupo social é um avanço, pois o índice de analfabetismo acaba caindo e o país começa a gerar emprego e oportunizá-los no

mercado de trabalho, esforçando-se para melhorar sua vida financeira e sua percepção de mundo enquanto cidadão.

Na perspectiva de Gadotti (2008, p.31):

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adultos analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...].

A inclusão dessa modalidade é um benefício que por muito tempo foi negado, haja vista que só a burguesia tinha direito à escolarização. Então a desigualdade era, e, infelizmente, continua sendo um problema causado por essa diferença das classes sociais. Freire (2000, p. 6), afirma: “se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

A importância do conhecimento como prática educativa, libertadora e humanizadora é fundamental durante o processo de aprendizagem do indivíduo. Freire diz que “educação que enseje a humanização” (1977, p.59). Ou seja, o termo libertadora é uma forma de dizer que o sujeito pode se desprender da condição em que vive e buscar aprender e saber um pouco do mundo no qual vive, desenvolvendo assim na escola, sua capacidade de análise e reflexão sobre seu contexto social.

A educação é a via de acesso ao aprendizado, a qual deve ser democrática e acessível a todos, considerando os conhecimentos prévios, assim como, o abstrato que cada indivíduo carrega consigo, posto que, cada ser tem suas particularidades. Dessa forma, o contexto social de cada estudante deve ser considerado e entendido na totalidade, pois cada detalhe é fundamental para seu processo de aprendizagem.

A dificuldade em relação à saúde, as questões socioeconômicas, ao cansaço são fatores que, muitas vezes, acabam desestimulando os estudantes a frequentarem as aulas regularmente, o que, conseqüentemente, compromete o desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

Para Gadotti (2008, p.17):

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do jovem e do adulto analfabeto. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Gadotti (2008), vem enfatizar que o docente precisa primeiramente investigar os conhecimentos que os discentes guardam em mente, suas premissas culturais e

direcionando-os ao uso correto. Menciona que cada pessoa tem uma cultura que deve ser respeitada e que nenhuma se sobressai sobre a outra.

Convém sinalizar que a maioria das vezes a escola exige muito de seus alunos quanto aprender a ler e escrever, e os recursos disponíveis para desenvolvimento de metodologias, alguns apresentam-se como inapropriados por não estarem adaptados ao público destinatário, o que acaba dificultando o processo de ensino para essas pessoas.

Como o mundo do trabalho encontra-se cada vez mais competitivo, a busca por profissionais qualificados se torna uma das maiores dificuldades para o processo de aprendizagem dos alunos. A busca do sujeito em realizar o seu papel no meio social é importante, pois lhe possibilita desfrutar de um emprego adequado, um dos motivos que faz com que regresse aos estudos novamente. Segundo Delors (2001, p.103), “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes”.

Os discentes inclusos na EJA passam pelo preconceito, sentem vergonha por estarem nesse tipo de situação, entre outros motivos, porém, mesmo diante dos julgamentos e obstáculos para aprender, esse grupo procura sempre estar avançando em busca de aprendizados. As aspirações pelo trabalho são competitivas e, é de conhecimento dos discentes que precisam estar aptos para conseguirem dar um bem-estar favorável para si e aos seus familiares. Para Delors (2001), o conhecimento ninguém pode tirar do outro, pois é uma experiência que vale para toda a vida, e com o passar do tempo o indivíduo pode estar se aperfeiçoando e evoluindo de forma contínua.

Para Dantas (2019), a formação de professores na EJA se relaciona com práticas específicas voltadas ao diálogo e reflexão dos discentes presentes nessa categoria.

As políticas públicas voltadas para formação de professores devem desencadear mecanismos de reflexão sobre a própria prática dos docentes para integrar o ensino às demandas específicas de aprendizagem dos educandos, jovens, adultos e idosos e diversificar as práticas educacionais. É preciso que os professores e gestores deixem de ver os alunos da EJA como “coitadinhos”, “alienados”, “deserdados pela sorte”, e comece a vê-los como sujeitos históricos, com experiências, histórias, memórias enriquecedoras, são construtores do seu processo de aprendizagem, como trabalhadores capazes de construir e transformar o seu próprio destino (DANTAS, 2019, p.5).

Baseado neste paradigma, a efetivação de políticas públicas específicas voltadas ao ensino de jovens e adultos se faz necessária, pois carrega com si diversas experiências de vida. Então, a aprendizagem com base no resultado dos problemas e procedimentos do contexto social e do mundo do trabalho é uma maneira que o docente tem de estar dialogando com os discentes, fazendo com que compreendam suas ações na sociedade e possam analisar e refletir sobre assuntos que povoam a sociedade, abrangendo também os aspectos sociais e culturais do mundo globalizado.

3 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO PÓS PANDEMIA

O ensino na modalidade de jovens e adultos passou por um momento muito crítico, no qual acarretou uma série de problemas para os estudantes por conta da mudança em que tiveram que se adequar ao “novo normal”, que foi inserido de maneira inesperada. Com a chegada de uma variante em 2020 no Brasil, chamada *Coronavírus*, à qual levou à morte e à internação de diversas pessoas na China no ano de 2019, a sala de aula EJA, assim como as outras tiveram que se adequar às aulas de modo remoto.

O surto do vírus vinha se proliferando cada vez mais no país, chegando a serem adotadas medidas de vigilância sanitária pela Organização Mundial de Saúde - OMS para que não houvesse disseminação, no entanto, no dia 30 de janeiro desse mesmo ano é declarado que o surto da doença e mortes haviam sido causadas por conta do vírus da Covid19, e que mais de 100.000 pessoas no país já tinham sido infectadas (SOUZA; SANTOS; JUNIOR, 2021).

[...] é semelhante ao de outras viroses respiratórias, a saber, febre, tosse geralmente seca, cansaço e, em casos mais graves (5%), dispnéia, sangramento pulmonar, linfopenia grave e insuficiência renal. Em 80% dos casos, os sintomas são leves. O diagnóstico dos casos sintomáticos deve ser confirmado com a pesquisa do vírus por reação em cadeia da polimerase (PCR) de swab nasal (STRABELLI; UIP, 2020, p. 598).

Em razão dessa nova variante ter se espalhada por diversos países, o contexto foi considerado pandêmico, no qual são definidas medidas de distanciamento social, para os indivíduos evitarem aglomerações, o uso de máscara ao se deslocar para um determinado lugar, o álcool em gel, o isolamento e testes de covid disponíveis para evitar a propagação em terceiros (BIZERRA, 2020).

Os países estavam em estado de crise, o que acabou gerando impactos no sistema econômico, social e educacional, em que a Organização Mundial da Saúde — OMS determina o distanciamento social, sendo necessário fechar e suspender as atividades presenciais nas escolas da rede pública, privada e universidades em virtude da expansão da variante da Covid19 (ALMEIDA; ALVES, 2020).

A educação teve grandes impactos no âmbito educacional nas escolas do Brasil, bem como, em outros países. Em março de 2020, foram implantados no Brasil critérios definidos pelo Ministério da Educação sobre o ensino remoto, no qual, os estudantes tiveram que se adequar em um curto período a realização de suas

atividades de forma não presencial, e os professores precisaram modificar suas metodologias de ensino para atender as dificuldades de seus alunos, e também aprender a utilizar a tecnologia como ferramenta de ensino.

Para Martins (2020, p. 251), o contexto de pandemia resultou em novas e velhas considerações e preocupações âmbito educacional, por exemplo: “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados, o desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante [...].”

Pretto, Bonilla e Sena (2020), relatam que:

[...] Levando informações provocando práticas cotidianas voltadas para o autocuidado, para a saúde e a segurança coletiva, a solidariedade, os direitos humanos, a empatia, ações criativas para lidar com as tensões psicológicas (agravadas pelo longo período de isolamento), estimulando a arte, ampliando o acesso à cultura, aos temas vitais da ecologia e tantas outras pautas importantes que se voltam aos objetivos educacionais mais amplos: a formação humana e a construção de uma sociedade justa e igual (PRETTO; BONILLA; SENA, 2020, p.16).

Para Martins (2020), esse modelo de prática pedagógica abrange um alto índice de desigualdade existente no país, pois com a adoção do sistema remoto, muitas pessoas tiveram várias dificuldades, principalmente, o ensino da modalidade de jovens e adultos em que a maioria das pessoas não tem conhecimento de como manusear os dispositivos tecnológicos. E com a inserção do ensino virtual, vê-se ainda mais a desigualdade acentuada na prática por meio de situações, circunstâncias e aspectos no âmbito social que fazem parte do cotidiano da sociedade com uma condição de precariedade socioeconômica mais nítida.

Com base em Souza, Santos e Júnior (2021), o novo modelo de ensino remoto e a taxa de evasão escolar aumenta, visto que, é fatigante para os sujeitos presentes se adaptar ao formato online e uso de meios tecnológicos, assim como, a acessibilidade impossibilitava de assistir às aulas na forma remota em locais de difícil conexão com internet, o que acabou provocando um crescente problema social de evasão e confirmando a exclusão dos educandos nas instituições.

Se antes da pandemia do Covid19 o número de matrículas na modalidade EJA era baixo, com o ensino remoto as desistências de discentes aumentaram, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira — INEP em 2010 as matrículas que eram cerca de 8,3% na etapa da educação básica, em 2019 reduziu para 6,7%. Logo, nota-se que a questão da vulnerabilidade,

problemas de desmotivação e pobreza levam os educandos a desistirem e, nesse caso, é necessário inserir formas de asseverar a continuidade desses indivíduos nos estudos (SOUZA; SANTOS; JÚNIOR, 2021).

A rede de escolas públicas funciona “em reduzir direitos a favores, à assistência, à suplência, ou a ações emergenciais é ignorar os avanços na construção social dos direitos, entre eles à educação de jovens e adultos” (ARROYO, 2006, p. 28). Desse modo, a pandemia não foi a única responsável pelo ensino desta modalidade se encontrar em estado fragilizado. O problema que transcende a estrutura do sistema do público da EJA, é a falta de uma reconfiguração que vise adequar novos métodos para a inclusão desse público novamente no sistema educacional.

Pode-se destacar que o sistema emergencial de ensino adotado não foi democrático a todas as pessoas, porque o recurso disponibilizado, além de nem todos saberem manusear, a maioria das pessoas não tinha acesso a aparelhos eletrônicos, o que possível considerar que ao invés de proporem mecanismos inclusivos e sustentáveis para os discentes, foi inserida a aplicação de meios tecnológicos o que acabou alimentando técnicas de jogos, inovação no ramo da tecnologia e um vasto conjunto de respostas no campo educacional para crianças e adultos, no qual, que nem todos conseguiram usufruir desse meio, durante esse período que sucedeu à pandemia (MONTEIRO, 2020).

As inseguranças dos discentes que fazem parte desse sistema de educação é bem frequente, e com o cenário da pandemia instalado acabou se tornando mais intenso, elevando à redução das turmas e à perda do número de pessoas presentes nessa categoria de ensino.

Minas (2020), diz que:

Foram séculos de descaso do poder público com a educação evidenciado pela pandemia que expôs as precárias condições físicas (estruturais) e de disponibilidade de recursos tecnológicos mínimos para atender os alunos com o ensino à distância, única forma, no momento, de dar continuidade ao ensino-aprendizagem, evitando assim, a aglomeração de pessoas (MINAS, 2020, p. 100).

A partir desse posicionamento de Minas (2020), observa-se que o descaso dos governantes com relação à educação de forma geral, é algo que ficou evidente no período de pandemia, porque nem todas as pessoas tinham ao seu alcance recursos tecnológicos para assistir suas aulas remotamente. Assim sendo, devido à falta de políticas públicas voltadas para trabalhar na esfera educacional, muitos

jovens e adultos ficaram sem instrução, sofrendo perdas irreparáveis durante esse período pandêmico.

As aulas remotas emergenciais contribuíram bastante para perceber as desigualdades sociais existentes e o estado de vulnerabilidade dos estudantes, assim como, como o sistema das instituições públicas são precárias e escassas e não poderiam oferecer aos estudantes o mínimo de suporte para atender e participar do avanço da tecnologia, e isso acabou se tornando um tormento na vida de vários estudantes. O despreparo dos docentes para estarem se inserindo nesse novo modelo foi difícil, pois tiveram que se reinventar nesse novo sistema, uma vez que, não passaram por nenhum processo de habilitação para saber como utilizá-las.

Com o crescimento das tecnologias na sociedade, Minas (2020) vem assegurar:

Por mais que o acesso às tecnologias da informação tenham crescido, ele ainda é limitado em termos de funcionalidades, o que não repercute necessariamente em usos coerentes com a finalidade educativa, por isso, é essencial alguém que medie a aprendizagem por meio das TIC (MINAS, 2020, p. 109).

A tecnologia por mais que seja algo disponível para todos, grande parte não tem acesso ou não faz uso, uns por não saberem utilizar, ou pelo fato de onde residem não terem sinal de internet. Sua utilidade no ramo do ensino não é tão racional, pois para manusear é necessário que a pessoa tenha uma mediação quanto ao uso e suas funcionalidades, uma vez que, oferece vários sentidos que facilitam o desenvolvimento e apropriação de novos aprendizados.

Pretto, Bonilla e Sena (2020), assegura que:

[...] Levando informações provocando práticas cotidianas voltadas para o autocuidado, para a saúde e a segurança coletiva, a solidariedade, os direitos humanos, a empatia, ações criativas para lidar com as tensões psicológicas (agravadas pelo longo período de isolamento), estimulando a arte, ampliando o acesso à cultura, aos temas vitais da ecologia e tantas outras pautas importantes que se voltam aos objetivos educacionais mais amplos: a formação humana e a construção de uma sociedade justa e igual (PRETTO, BONILLA, SENA, 2020, p.16).

A Educação de Jovens e Adultos leva a reflexão de um paradigma preciso sobre a inclusão desse público nesse espaço que não é só aprendizagem, mas de convívio, no qual estará compartilhando seu cotidiano e experiências, então é um ambiente que vai além do ato de ensinar, é um lugar de convívio, de trocas de aprendizados, de afetividade em que se sentem confortáveis para dividir suas histórias, pensamentos e aprenderem a refletirem sobre seu papel na sociedade de

forma dinâmica (SOUZA, 2020).

Com a modalidade de ensino online esses Jovens e Adultos sofreram bastante, posto que, são os que têm mais dificuldade de prestar atenção e aprender, e com essa nova categoria implantada para todas as pessoas que estudam, a educação na EJA foi a que mais sofreu com essa forma de ensino.

Cabe ressaltar que o ensino remoto foi desafiante para os docentes também, pois, Lima (2020), diz que:

Percebe-se significativo número de atividades atribuídas aos/as docentes, tarefas que pressupõem um tempo extra para a preparação e o desenvolvimento das atividades, além da realização de aulas online ministradas em tempo real, semanalmente com a obrigatoriedade de um número mínimo de estudantes e um tempo mínimo de aula, a legislação em nenhum momento considera as condições sociais e econômicas dos/as docentes, tendo em vista que o Sistema de Ensino não disponibiliza ferramentas tecnológicas para a realização de trabalho remoto, bem como se ignora que eles/as podem encontrar dificuldades em lidar com a tecnologia (LIMA et al.2020, p. 119).

O desenvolvimento de práticas e atividades remotamente foi uma tarefa árdua para muitos professores que também, assim como os discentes, precisaram se adaptar ao uso de novas metodologias de ensino. Então ter que gravar aulas, editá-las para postar semanalmente para os discentes foi terrível para muitos docentes que não tinham a prática de estar trabalhando com aplicativos de edição, não sendo assegurado nenhum meio de como lidar com as dificuldades encontradas durante o percurso do uso desse sistema tecnológico.

As diferenças sociais na educação de Jovens e Adultos se fez exposta a partir das desigualdades, e a exclusão de várias de pessoas do processo de ensino aprendizagem durante a pandemia do Covid-19, Ireland explica que:

[...] apesar das mudanças impostas pela pandemia da COVID-19 e as ameaças colocadas pela crise ecológica, o referencial teórico de Freire nos auxilia tanto entender o novo contexto como tecer uma nova narrativa em que a capacidade e a necessidade de as pessoas aprenderem ao longo da vida sejam reconhecidos como parte constituinte da condição humana (IRELAND, 2020, p. 427).

Em virtude das alterações no modelo de ensino, Ireland (2020), ressalta que os problemas causados pelo ensino remoto são algo que auxiliam a pensar sobre um ponto de vista freiriano, porque mesmo em meio a todas as dificuldades enfrentadas nessa modalidade, o educando tem a possibilidade de extrair aspectos positivos como: capacidade de aprender, pensar e ter uma visão crítica sobre o que vivenciou contextualizando com objetivo proposto.

Segundo Freire (2009):

O problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo, desde o começo mesmo da alfabetização, para que, na pós-alfabetização, se vá tentando a formação do que poderá vir a ser uma pequena biblioteca popular, com inclusão de páginas escritas pelos próprios educandos (FREIRE, 2009, p. 19).

A pandemia chegou a limitar essas pessoas a ter acesso e a construir seu conhecimento por meio da internet, pois por mais que a tecnologia facilite para uma certa camada, ela cria bloqueios para outra que passa por diversas dificuldades e impedimentos para conseguir estar inserida no sistema virtual.

Mediante essas mudanças sofridas no ambiente escolar, as tecnologias digitais foram um meio de “salvação” para o ensino não retroceder e os discentes não ficarem tão prejudicados. Então, o gestor e os docentes começaram a adotar meios de comunicação remotamente, assim como o desenvolvimento de atividades para que conseguissem realizar de forma autônoma. Por outro lado, ficou nítida a diferença social da camada desfavorecida, que ficava inativa durante esse período porque não tinha recurso tecnológico que possibilitasse sua integração neste espaço (RIBEIRO, 2020).

Em suma, as instruções e entendimentos desenvolvidos fora do contexto educacional são vistos de maneira limitada, pois os sujeitos têm certas dificuldades na leitura e escrita de palavras.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa teve a intenção de considerar os objetivos apresentados. Foi qualificada como um estudo bibliográfico, pois produziu-se a partir de referenciais teóricos de autores já estudados e publicados, livros, artigos científicos e website, e em sequência, pesquisa descritiva e exploratória. Logo, a pesquisa bibliográfica foi baseada na coleta de informações de estudos publicados e fontes que contêm diversas temáticas e pontos de vista. Para Gil (2002), pesquisa bibliográfica é a compreensão sobre uma determinada fonte de referência lida.

Com intuito de pesquisar e descrever as características do objeto de estudo, a pesquisa descritiva foi feita com base na análise da coleta de dados, tais como, aplicação de questionário e observação. “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (GIL, 2002, p. 42).

A pesquisa descritiva é concreta, pois caracteriza-se por particularidades de um tema definido e a exploratória tem como objeto, propiciar um contato com o problema em questão. Segundo Gil (2002, p.44), “Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas”, uma vez que, as fontes principais usadas na pesquisa são: artigos científicos, a LDB nº9394/96, livros, entre outros.

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, com a coleta de dados durante a decorrência das aulas lecionadas pelas docentes da EJA, com questionários *forms* designados a quatro professores contendo (10) questões, sendo (5) fechadas e (5) abertas para que o docente pudesse discorrer. A pesquisa se sucedeu na Escola Municipal Presidente Médici em Pinheiro-MA, na qual, foram observados e considerados os aspectos das aulas ministradas, metodologias desenvolvidas e os desafios e perspectivas na Educação de Jovens e Adultos.

O estudo foi desempenhado quantitativamente em específico com a utilização de pesquisa exploratória, nesse sentido Gil (2008) proporciona uma maior familiaridade com o problema em questão, com intuito de torna-lo mais compreensível na elaboração das hipóteses.

4.1 Caracterização do campo de pesquisa

A pesquisa aconteceu na escola municipal Unidade Integrada Presidente Médici, que está localizada no bairro da Matriz, na Rua Inácio Pinheiro S/N, na cidade de Pinheiro-MA.

Figura 1 - Fachada da escola campo de pesquisa.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A instituição atende as etapas da educação básica, ensino fundamental, anos iniciais do 1º ano ao 5º ano pelo período matutino e vespertino, o ensino fundamental dos anos finais do 6º ano ao 9º ano, no turno vespertino e a Modalidade da Educação de Jovens e Adultos funciona no período noturno.

Tabela 1 - Distribuição de modalidade, discentes e turnos.

MODALIDADE	NÚMEROS DE DISCENTES	TURNO
ENS. FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS	390	MATUTINO E VESPERTINO
ENS. FUNDAMENTAL ANOS FINAIS	327	VESPERTINO
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	47	NOTURNO

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Em relação ao espaço físico da escola, o prédio foi reformado e com isso a estrutura é composta por dois pisos, tendo 13 salas de aulas, nas quais todas possuem dois ar-condicionado em cada sala, uma biblioteca, uma quadra de

esportes coberta, um refeitório, um auditório, uma sala de leitura, um banheiro masculino, um banheiro feminino, um banheiro para pessoas portadores de necessidades especiais, uma sala de diretoria e uma secretaria.

As salas de aulas encontram-se conservadas e apresentam um espaço amplo para estudo, ou seja, a escola tem um prédio bem estruturado que oferece um ambiente confortável para seus educandos, também possui acessibilidade para receber alunos com deficiência física ou mobilidade reduzida, com uma rampa na entrada da escola, porém a escola não possui uma estrutura para receber pessoas com deficiência visual, pois não tem um corrimão para acesso e não é sinalizada com piso tátil apropriado no chão.

4.2 Instrumentos e universo pesquisado

A pesquisa de campo foi constituída por quatro professores do 3º e 4º anos do ensino fundamental na modalidade de jovens e adultos atuantes no turno noturno. Os pesquisados que atuam na instituição são todos efetivos que se dispuseram a colaborar respondendo o questionário enviado.

Primeiramente, foi solicitado à gestora da escola que permitisse observar os discentes e professores e entregue um ofício, a fim de observar os desafios e perspectivas da educação de jovens e adultos após o período que decorreu a pandemia.

No que se refere ao questionário, foi utilizada a plataforma do Google Formulário para elaborar as perguntas destinadas aos docentes, enviadas e posteriormente recebidas pelo link via *WhatsApp*. Foram feitas 10 visitas presenciais na escola, para observar sobre o objeto pesquisado.

Com intuito de manter a descrição ética da pesquisa e preservação da identidade dos sujeitos pesquisados, foram alterados seus nomes para docentes A, B, C e D.

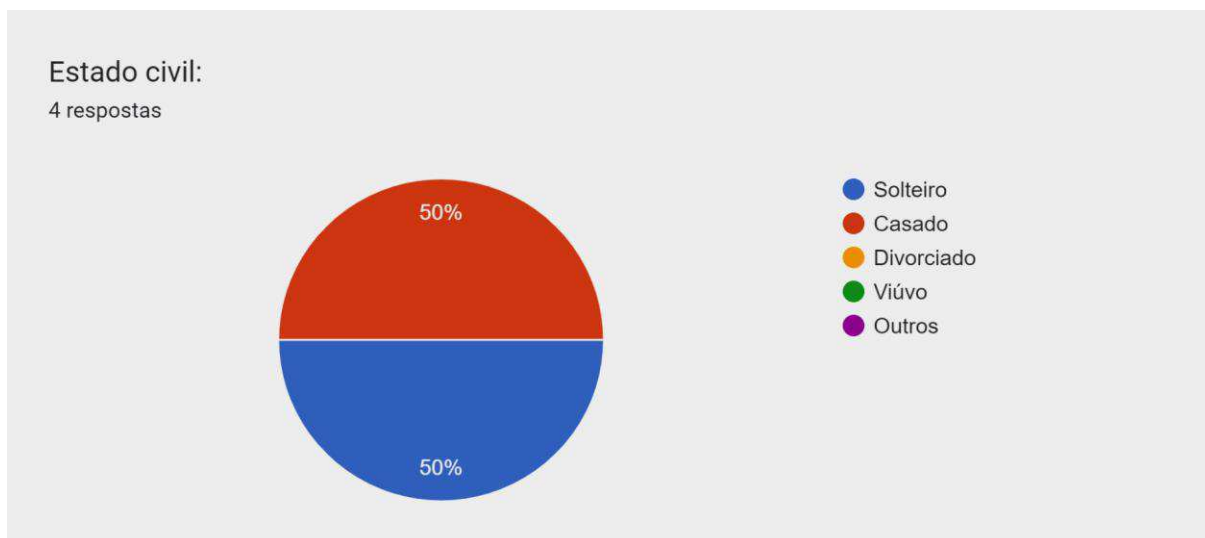
4.3 Perfil dos profissionais pesquisados

Com relação ao perfil dos profissionais atuantes na instituição, foi realizada uma pesquisa e notória predominância de 100% sendo do gênero feminino.

Quanto à idade dos professores pesquisados, 100% se encontram na faixa etária de 40 a 60 anos. Pode-se destacar a partir desta informação, é que pelo fato de terem acima de 40 anos esses docentes já têm um nível de experiência e

conhecimento avançado para estar atuando com a modalidade EJA.

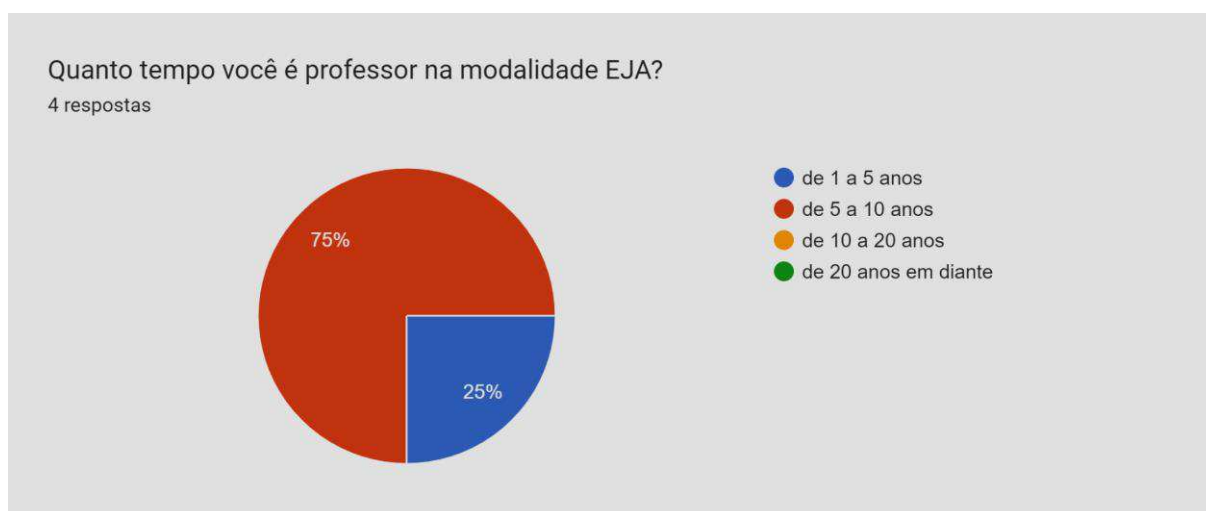
Gráfico 1 - Quanto ao estado civil?



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quanto ao estado civil dos docentes é possível perceber no gráfico que 50% são casados, e os outros 50% são solteiros.

Gráfico 2 - Quanto ao tempo de docência.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Respectivo ao tempo de docência, 75% dos professores declaram ter entre 5 a 10 anos que atuam como docente e 25% ter entre 1 a 5 anos de docência na área. Equivale mencionar que nesse gráfico, assim como, no gráfico da idade, a maioria já tem um certo tempo de experiência e com isso, sabe como adaptar e manusear

metodologias e utilizar instrumentos pedagógicos voltados à modalidade EJA. O que é extremamente importante quando se trabalha com jovens e adultos.

Conforme a LDB n.º 9.394/96:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415 de 2017).

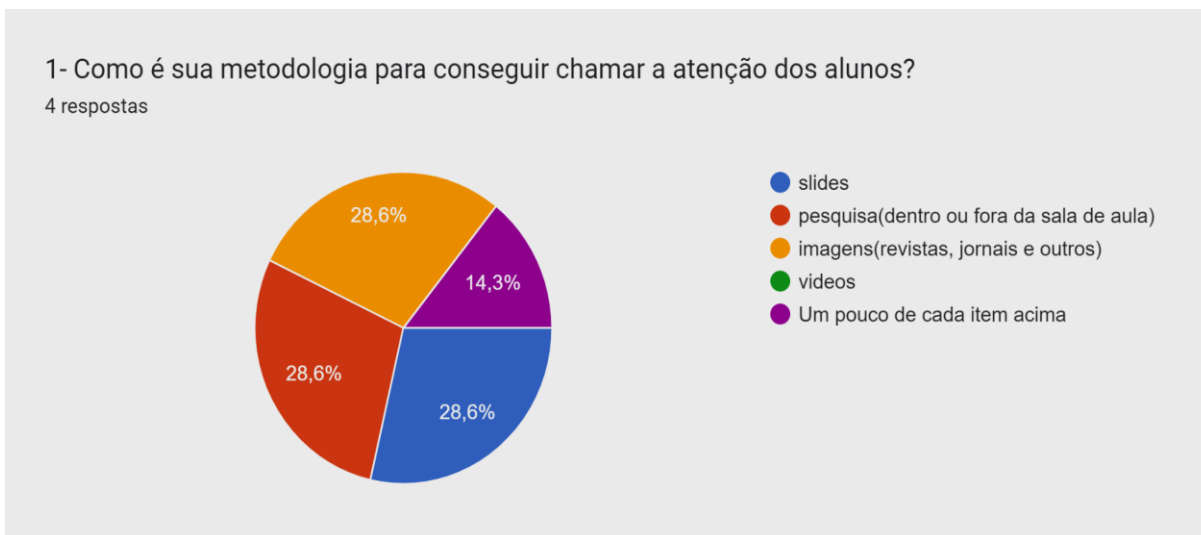
Em relação à formação acadêmica, 100% do corpo docente afirma ter pós-graduação/especialização. O que é importante, pois o docente precisa, segundo o artigo 62 da LDB Lei n.º 9.394 deve estar habilitado e ter ao menos ensino superior para estar lecionando nessa categoria de ensino.

Uma vez que, um docente com uma pós-graduação/especialização tem experiências no campo e possivelmente sabe lidar com técnicas apropriadas que possam respaldar sua condução teórico-metodológica em sala de aula.

4.4 Perfil do objeto pesquisado

A primeira pergunta do questionário foi sobre o tipo de metodologia que o professor utiliza para conseguir chamar a atenção dos educandos. Cerca de 28,6% usa slides, outros 28,6% fazem pesquisa (dentro ou fora da sala de aula, 28,6% utilizam imagens (revistas, jornais e outros) e 14,3% usam um pouco de cada item acima, sendo que nenhum professor, como mostra gráfico abaixo, usa vídeos em suas aulas. Então, nota-se que os docentes abrangem vários tipos de estratégias para conseguir chamar atenção de seus discentes durante suas aulas.

Gráfico 3 - Quanto à metodologia utilizada.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Logo, como mostra o gráfico acima, tanto a organização do trabalho pedagógico quanto à forma de fazer com que o discente se concentre na aula são diversas, pois na sala de aula nem todos aprendem da mesma maneira, e o professor que já tenha experiência consegue inovar seus métodos e sabe lidar com a situação da melhor forma possível, a partir de metodologias que atendam às particularidades desses educandos.

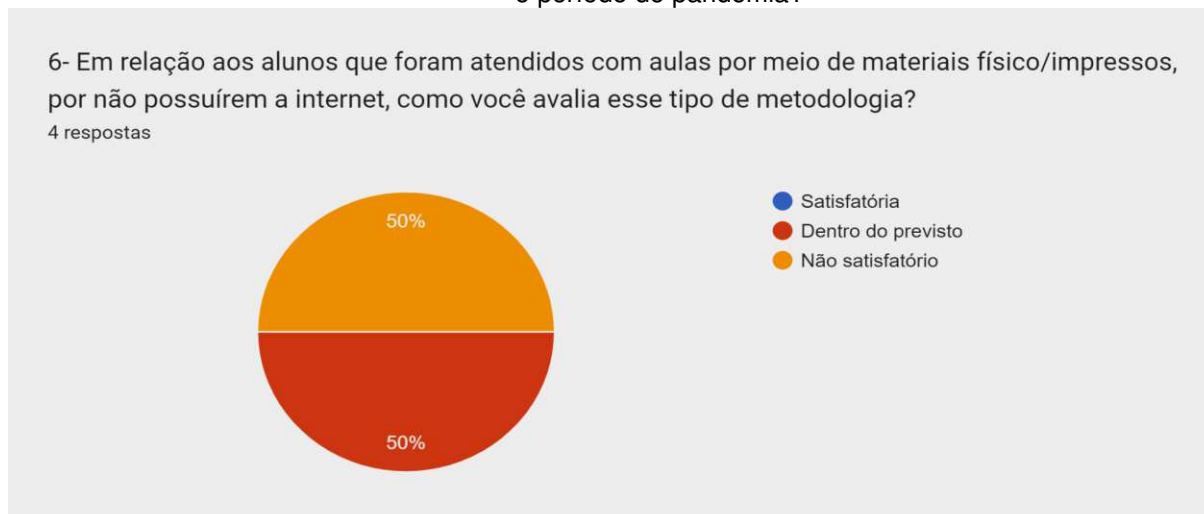
Com base nas observações feitas acima, Nogueira (2009) menciona que:

Cabe ao professor perceber o que os alunos almejam com os estudos e com base nessa informação ele deve construir uma prática para atender as diferentes necessidades de aprendizagens. [...] Nesse caso deve-se priorizar o que é relevante de fato para a turma ao mesmo tempo, repensar as formas de mediação dos conteúdos e de avaliação da EJA (NOGUEIRA, 2009, p.2).

A partir das considerações de Nogueira (2009), às formas usadas para lecionar aulas nessa modalidade devem ser pautadas em atender às necessidades dos discentes. É possível perceber que os professores de acordo com as informações do gráfico, recorrem a práticas que visam atender as particularidades de seus discentes, visto que, cada pessoa possui suas diferenças, e cabe ao docente atender, para que esse estudante compreenda da forma mais natural possível.

A seguir será exposto no gráfico os resultados referentes ao rendimento dos alunos no contexto do período de pandemia.

Gráfico 4 - Quanto ao rendimento dos alunos com os materiais que foram utilizados durante o período de pandemia?



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

É possível perceber no gráfico que as metodologias utilizadas no período que decorreu a pandemia, os docentes consideram que cerca de 50% ocorreu no previsto e os outros 50% afirmam que foi satisfatório. Diante dessa concepção, o uso de materiais físicos/impressos acabou deixando lacunas na aprendizagem de 50% dos educandos que sofreram alguns danos por conta da metodologia empregada, acarretando diversas dificuldades durante a execução das atividades, pois não tinham o auxílio do professor para direcioná-los.

Logo, esse tipo de dificuldade vem refletir na sala de aula presencialmente, pois cada sujeito apresenta uma característica específica e o professor deve preencher esses espaços que os alunos ainda têm necessidade de conhecimento. Dessa forma, o currículo deve ser repensado, devido aos grandes impactos que a educação na modalidade EJA sofreu.

Segundo Tomaz (1999):

O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade; sendo assim, o currículo demonstra ou deveria demonstrar as identidades e as ações da escola, logo, a escola teve que repensar seu currículo e suas propostas de trabalhos, pois o cenário educacional mudou de forma abrupta (TOMAZ, 1999, p. 150).

Observa-se em Thomaz (1999) sobre a adaptação do currículo, uma vez que, como os sujeitos, a escola, o corpo docente muda, assim sendo, as propostas curriculares também devem ser modificadas com objetivo de melhorar no quesito da aprendizagem, o principal alvo na educação.

Em seguida, serão apresentadas algumas respostas que foram feitos no

decorrer da pesquisa de campo.

Quadro 1 - Como são as atividades direcionadas aos alunos da EJA?

PESQUISADOS	RESPOSTAS
Docente A	São aplicadas atividades diversificadas que estimulam os alunos, tanto jovens quanto adultos, considerando as especificidades desse segmento.
Docente B	Preferencialmente focado na realidade dos estudantes.
Docente C	Planejadas de acordo com o componente curricular.
Docente D	Buscamos diversas estratégias: atividades de pesquisa, leituras de materiais xerocopiados, utilização de slides, vídeos, produção de mapas conceituais, colagens e outros.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Nota-se que nas atividades direcionadas ao público da EJA, cada docente busca uma metodologia diferente, sendo que o intuito é garantir uma aprendizagem significativa a todos os educandos. Tem um docente que se baseia nas particularidades dos segmentos, considerando os conhecimentos prévios e experiências dos alunos, trabalhando de maneira diversificada, um ponto importante, pois o professor não pode se deter apenas em livros, deve buscar outros meios de atividades atrativas conforme o público, outro professor mencionou algo que é considerado fundamental nessa modalidade, que é a valorização dos saberes dos discentes.

O uso de metodologias e recursos na sala de aula pelo docente é indispensável, pois o aluno consegue ter uma compreensão melhor sobre o conteúdo que está sendo estudado, e a aula não se torne monótona.

Silva (2006, p. 168), explica:

Na relação professor-aluno, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se liga a um elemento particular, no caso, a pessoa do professor. Posto isto, o conteúdo a ser ensinado deixa de ser o centro do processo pedagógico e a figura do professor e sua significação para o aluno é que passam a ser a chave para o aprendizado. Se um aluno por alguma razão, consciente ou não, não se sente à vontade com determinado professor é possível que sinta dificuldades em aprender conteúdos que emanam desse professor. Neste caso, o aluno pode ter transferido algo negativo para a figura desse professor, que passou a ocupar um lugar de recusa a psique desse aluno, um lugar que nunca foi da pessoa real do professor, mas que por alguma razão, passa a ocupar devido à transferência do aluno.

Diante disso, o discente passa a ser o centro no processo de aprendizagem e

o professor atua como mediador nesse processo. Para que o aluno progrida na instituição, é necessário que o professor dê a ele oportunidades para que possa se expressar sem interferências constantes.

Quadro 2 - Quais as dificuldades existentes na sala de aula?

PESQUISADOS	RESPOSTAS
Docente A	A falta de material didático específico como, por exemplo, livro didático e atividades pedagógicas que contextualizam o conteúdo às vivências dos educandos.
Docente B	O cansaço dos alunos.
Docente C	Leitura, escrita.
Docente D	Falta de materiais didáticos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Dois pesquisados relataram que uma das dificuldades presentes no âmbito escolar é a ausência de recursos didáticos para trabalhar com os alunos, dificultando no momento da aprendizagem. Salientam Oliveira, França e Pizzio (2010, p.5), “as políticas públicas educacionais dizem respeito às decisões do governo que têm incidência no ambiente escolar enquanto ambiente de ensino-aprendizagem”.

Então, além de recursos didáticos, as políticas públicas educacionais são essenciais, pois como relata o docente B, o cansaço é um dos problemas mais constantes em sala e o investimento de atividades com recursos que atraia a atenção desses indivíduos contribui bastante na aquisição de conhecimento, facilitando também, a leitura e escrita como diz o docente C, um dos obstáculos enfrentados na turma por alguns educandos.

Araújo (2006, p. 27), diz que:

A metodologia de ensino – que envolve os métodos e as técnicas – é teórico-prática, ou seja, ela não pode ser pensada sem a prática, e não pode ser praticada sem ser pensada. De outro modo, a metodologia de ensino estrutura o que pode e precisa ser feito, assumindo, por conseguinte, uma dimensão orientadora e prescritiva quanto ao fazer pedagógico, bem como significa o processo que viabiliza a veiculação dos conteúdos entre o professor e o aluno, quando então manifesta a sua dimensão prática.

É exposto por Araújo (2006), que as metodologias devam caminhar com as práticas, pois uma se interliga com a outra. Dado que, no momento que o professor trabalhar com a teórica, ele pode estar usando a prática, sendo uma forma mais clara do aluno aprender e praticar de maneira direta, aprendendo a partir de uma

práxis inovadora e que o cative a participar das atividades desenvolvidas no ambiente externo e interno da escola.

Outro quesito que o docente C cita é sobre a leitura e escrita dos alunos que se encontra um pouco fragilizado devido ao tempo em que estes passaram em casa e não conseguiram realizar o que era proposto, posto que, têm dificuldades quando leem e posteriormente quando escrevem.

Em detrimento disso, Albuquerque e Telma (2010), vem dizer que:

O trabalho voltado para o desenvolvimento das habilidades e conhecimentos necessários para a produção de textos escritos também é fundamental, principalmente porque os jovens e adultos buscam a escola com expectativas relativas à tal tipo de aprendizagem. Eles querem participar de diferentes eventos sociais, lendo e produzindo textos de modo autônomo (ALBUQUERQUE; TELMA, 2010, p.181).

Em concordância com Albuquerque e Telma (2010), o desenvolvimento da escrita e leitura requer a isenção e produção de textos escritos, colaborando significativamente para seu desempenho, bem como favorece seu rendimento escolar. E como as autoras mesmo apontam, os alunos adquirem uma certa autonomia quando fazem isso cotidianamente, o que além de favorecer seu vocabulário em locais sociais e melhora a questão da escrita.

Com isso, a importância de buscar elementos do convívio social do aluno para estar contextualizando e fazendo analogias com os objetos de estudo na sala de aula é fundamental. Então, “considerar a vivência significa imergir e buscar identificar, conhecer e compreender o significado e o sentido dos acontecimentos escolares. Pressupõe conhecer as pessoas envolvidas e também o significado e o sentido que elas dão aos acontecimentos vivenciados” (PENIN, 2009, p. 15).

Logo a seguir, perguntou-se:

Quadro 3 - Quais dificuldades você encontra enquanto docente na EJA?

PESQUISADOS	RESPOSTAS
Docente A	No cotidiano escolar muitos são os desafios enfrentados pelos alunos da EJA na busca por um ensino com qualidade, como exemplo, a diversidade cultural, a diferença de idades entre os alunos, equacionando dificuldades de estabelecerem boas relações, a superação do analfabetismo digital, o cansaço, a dificuldade do professor em desconstruir as representações de escola tradicional.
Docente B	Até agora só com a evasão.
Docente C	Falta dos alunos.
Docente D	A maior dificuldade é a permanência dos alunos na escola.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

No quadro 3, o docente A relata uma série de problemas que encontra em sala, no entanto, é importante considerar ser pontuada a questão do ensino tradicionalista que é uma realidade, pois com a ausência de recursos didáticos disponíveis os professores aplicam de forma espontânea o ensino tradicional, em que a participação mais ativa é do docente. Dois pesquisados apontam a permanência, assim como, evasão escolar dos discentes na escola, o que colabora na saída de diversas pessoas antes de concluírem os estudos e receberem seu certificado de conclusão.

Considerando Becker; Barretos e Ghisleni (2021) é:

Compreendido os desafios em pauta pela migração ao ensino presencial, adentramos no presente tópico e analisamos o outro panorama “educação em tempos de pandemia” [...] as possibilidades surgidas através dos multiformatos das Tecnologias da Informação e da Comunicação - [...] um porquê dos docentes em se apropriarem destas ferramentas como aliadas para diversificar o ensino e combater às taxas de evasão nos modelos não presenciais conquistando a motivação dos alunos (BECKER; BARRETOS; GHISLENI, 2021, p.304).

Dessa maneira, Becker; Barretos e Ghisleni (2021), dizem que mesmo com o avanço da tecnologia e o uso dos meios tecnológicos no período da pandemia, os docentes atualmente usam diversos meios para que o aluno não perca a motivação e evite a evasão escolar, só que mesmo diante esses recursos os educandos se sentem perdidos e ainda que presencialmente sofrem com diversas dificuldades deixadas pelo período remoto.

Assim sendo, como é avaliado do ponto de vista dos docentes o desempenho dos alunos após o período de pandemia presencialmente.

Quadro 4 - Como você avalia o desempenho dos alunos atualmente, após as aulas voltarem de forma presencial?

PESQUISADOS	RESPOSTAS
Docente A	Após toda comunidade escolar enfrentar um longo período de intensos desafios, sendo o principal deles o distanciamento social. Nesse retorno, os alunos da EJA demonstraram dificuldades na capacidade de abstrair novas compreensões a partir de situações ou eventos apresentados, entretanto dispostos a superações.
Docente B	Muito melhor, principalmente o público adulto que gosta de aula presencial.
Docente C	Regular.
Docente D	Os alunos apresentam déficit de aprendizagem, porém os alunos quando estão na aula demonstram interesse em aprender.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Baseado na amostra acima, os docentes relataram que o ensino de forma presencial é melhor, pois como disse o docente B, os alunos preferem estar no ambiente da sala do que de maneira remota, uma vez que, no ambiente escolar, eles demonstram mais interesse em participar e aprender. No entanto, como pontua o docente D, os alunos demonstram força de vontade e interesse em desenvolver questões que consideram de difícil compreensão, pois têm a ajuda do professor para auxiliá-los.

Então, em relação ao cenário dito pelos docentes, constata-se que essa modalidade foi muito prejudicada, uma vez que, em consonância com Saviani (2019), é uma categoria de ensino crítica que compreende uma instrução de instrumento mediador de conhecimento desse sistema de transição social.

O docente B frisa a respeito da melhoria no ensino presencialmente, pois sentiu os alunos mais dispostos a aprender, porque no período remoto tiveram vários problemas com relação à aquisição de conteúdos em razão da falta de mediação, e saber como manusear os aparelhos tecnológicos em favor da sua educação, pois os meios tecnológicos por mais que proporcione um olhar mais

amplo a pessoa precisa saber como consultar e analisar o campo em estudo.

A pergunta seguinte foi sobre os principais desafios e perspectivas que os docentes têm após o período de pandemia. E como isso vem refletir na condução teórico-metodológica na atualidade.

Quadro 5 - Quais os principais desafios e perspectivas você tem após o período de pandemia? Como isso reflete na sua condução teórico-metodológica na atualidade?

PESQUISADOS	RESPOSTAS
Docente A	Na área educacional, os desafios pós-pandemia se concentram em recompor e acelerar os processos de ensino e de aprendizagem. Com toda a certeza, superá-los pressupõe o comprometimento de toda a comunidade escolar para salvaguardar o presente e o futuro dos alunos.
Docente B	O principal desafio é recuperar o currículo e para isso o trabalho deve ser focado em conteúdos focais, essenciais.
Docente C	Convencer os alunos a voltarem para às salas de aula.
Docente D	Os desafios são principalmente sanar os déficits de aprendizagem.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

A amostra no quadro acima, permite compreender que cada docente relata seus posicionamentos de acordo com suas vivências em sala de aula. O docente A, diz que a pandemia cooperou para o retrocesso dos alunos e agora que se encontram presencialmente estão tentando de alguma maneira preencher esses espaços de déficit de aprendizagem que ainda precisam ser melhorados. É interessante que um docente ressaltou a questão de recuperar o currículo com objetivo de adequar com os conteúdos que focuem no problema e em assuntos específicos relativos à educação de jovens e adultos. O que é necessário a execução de um planejamento pedagógico, visto que, ambos caminham juntos quando se fala em lecionar em qualquer tipo de modalidade.

Nessa concepção Ferreira e Vitorino (2019), ressalta que:

[...] o acolhimento da EJA pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), o que contribuiu para que essa modalidade de ensino adquirisse relativa importância e direito social. Daí surgirem estudos e pesquisas voltados para esse modelo específico de ensino, além da promoção de eventos em que profissionais atuando na EJA discutem, refletem, vivenciam e trocam experiências sobre os problemas mais evidentes nesse processo de escolarização (FERREIRA; VITORINO, 2019, p. 02).

O planejamento pedagógico é essencial, pois é necessário um plano específico para trabalhar com os alunos da EJA, e conforme a LDB nº 9394/96 as propostas educacionais do currículo devem estar voltadas a esse público, abrangendo dessa maneira problemas e histórias do seu cotidiano correlacionado com os assuntos de aula.

Outro aspecto que o docente C conta, é a respeito da evasão de alguns alunos. E dessa forma não consegue fazer com que eles retornem às aulas, não desistam assim de seus estudos, sendo algo um pouco complicado devido a que cada pessoa tem um problema diferente do outro, e que, muitas vezes, tentam voltar, mas as adversidades e circunstâncias acabam se afastando da escola e não concluindo seus estudos por uma série de motivos.

Em virtude do que foi citado pelos docentes um dos desafios apontados é a questão do déficit de aprendizagem que os discentes possuem, pois a falta de recursos didáticos e políticas públicas educacionais voltadas para trabalhar estão completamente escassas, o que acaba prejudicando os educadores a desempenhar seu papel de forma significativa e o educando que deixa de aprender, pois os recursos disponíveis e metodologias acabam não atendendo suas dificuldades durante o processo de aquisição do conhecimento, no que diz respeito a propostas que visem uma educação de qualidade para essa camada social, que pretende alcançar uma melhor condição de vida, assim como, conhecimento para saber como se posicionar na meio social, exercendo seus direitos e deveres na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo conhecer o contexto histórico, desafios e perspectivas na Educação de Jovens e Adultos - EJA evidenciados pelos professores, apresentando sucintamente o início do processo de alfabetização dessa modalidade de ensino, como era o seu primeiro formato, a classe destinada a esse tipo de educação, fazendo um comparativo de como era e como está estruturado atualmente, assim como, mostrar como o modelo pedagógico sofreu diversas mudanças com intuito de atender às necessidades e valorizar as perspectivas de cada educando na sala de aula.

Viu-se que processo da EJA, é um modelo de ensino direcionado a pessoas que por alguma razão não puderam ou não conseguiram concluir seus estudos na idade adequada e buscam agora uma oportunidade de ingressarem na escola com propósito de adquirirem conhecimento e tentarem se inserem na sociedade, contribuindo assim, com seus pontos de vistas e posicionamentos de modo crítico e contextualizado, exercendo seu papel na sociedade.

Recorrendo à pesquisa exploratória foram utilizados alguns autores renomados e analíticos da história na literatura que têm conhecimento para sustentação do estudo. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário aplicado a quatro professores da etapa II do ensino fundamental na EJA, que identificou as metodologias e recursos empregados na sala de aula, as dificuldades que os docentes têm, assim como, seu preparo para as aulas e como estes avaliam a readaptação dos estudantes nas aulas de maneira presencial.

Acerca dos posicionamentos dos docentes em relação à educação e a forma de lecionar nesta modalidade de ensino, foi notório perceber que a maioria ditou que o currículo deve atender as reais necessidades do aluno e que as aulas devem estabelecer uma conexão entre a realidade do educando e o objeto de estudo para que ele possa compreender o assunto a partir de elementos presentes em sua realidade, visto que, o discente, dessa maneira, consegue aprender significativamente e participa da aula, contribuindo com suas experiências de vida.

Com base nos resultados obtidos no referencial teórico posto e em cada resposta dada pelos pesquisados, constatou-se que a educação durante a pandemia evidenciou a desigualdade social existente na sociedade, além de outros problemas de ordem sociais como a evasão escolar, o desinteresse pelo processo de aprender,

a falta de habilidade do professor com as tecnologias, o aumento do analfabetismo, entre outros desajustes. O ensino nessa modalidade foi muito prejudicado, posto que, a maioria das pessoas que faz parte dessa categoria não tinha acesso e não sabia manusear os aparelhos tecnológicos em favor de sua aprendizagem, o que gerou vários problemas para os professores porque os educandos chegavam na sala de aula com muitas dificuldades em conteúdo que não conseguiam aprender.

Portanto, é importante evidenciar que os professores atuantes nesta modalidade devem estar sempre invocando suas metodologias de ensino, adaptando, obviamente, conforme a faixa etária apropriada dos discentes para que se sintam à vontade em participar e contribuir a partir de suas concepções e pontos de vistas. A inserção de técnicas que preencham as lacunas educativas que ocorreram durante a fase de pandemia é essencial para rever metodologias, aprimorar o uso tecnológico para assim, diminuir o déficit de aprendizagem que os estudantes ainda têm e que necessitam ser estabelecidas.

Os desafios do trabalho na EJA são grandes, muitos passos à frente precisam ser dados, principalmente agora na retomada das aulas presenciais, depois que a sociedade passou por um período crítico em todas as suas esferas. Percebeu-se que não só os professores da escola Presidente Médici precisam se ajustar para reestabelecer os ganhos perdidos durante a pandemia, mas a modalidade em caráter nacional. Os desafios são grandes, como visto aqui, tanto para os professores quanto para os alunos e toda a comunidade escolar que forma a EJA, mas as perspectivas de melhoramento e engajamento de todos que dela fazem parte são ainda maiores. Muito já foi feito, porém há muita coisa a fazer em nome de uma educação para jovens e adultos de qualidade e equidade.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Leila B. **Será que quero somente aprender a ler e escrever?** Quais são as expectativas dos alunos da EJA para o ensino de Língua Portuguesa e o que diz a Proposta Curricular da Rede Municipal do Recife? Monografia de Especialização: Curso de Especialização Globalização, Multiculturalidade e Educação de Jovens e Adultos. Recife: UFPE, 2009. Acesso em: 23.out.2022
- ARAÚJO, Gilcilene; ROMERO, Maria. G1 Piauí TV Clube. **PI tem a segunda maior taxa de analfabetismo do país entre pessoas com 15 anos ou mais, aponta IBGE. 19/06/2019.** Acesso em: 13.nov.2022
- ARAUJO, José Carlos Souza. Do quadro negro à lousa virtual: técnicas, tecnologia e tecnicismo. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.) **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações.** Campinas: Papirus, 2006. Acesso em: 19.nov.2022
- ARROYO, Miguel G. **Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual.** In: Educação & Sociedade. Educ. Soc. vol.39 n.145. Campinas, Oct.Dec.2018. Disponível em:<
<https://www.scielo.br/j/es/a/jZgN9bxbKPr8m5SKrNCQr5f/?lang=pt>>. Acesso em:13.nov.2022
- ALMEIDA, A.; GUARACIABA, B. S. **Direito à educação aos jovens e adultos na pandemia.** Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) V.10 — N.24, maio – agosto de 2021. Disponível em: <file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/57801-219741-1-PB.pdf>. Acesso em: 17.out.2022.
- ALMEIDA, Oliveira; ALVES, Lynn Rosalina Gama. **Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual.** Debates em Educação, Maceió, v. 12, n. 28, p. 1-18, set./dez. 2020. Acesso em: 14.nov.2022
- ANDRADE, Eliane Ribeiro. **A educação de jovens e adultos e os jovens do último turno: produzindo outsiders.** Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro-RJ, 2004. Acesso em: 12.out.2022.
- BECKER, T. S. Barretos, C. H. C., Ghisleni, E. S. **Educação em tempos de pandemia: a migração do ensino para o formato não presencial como um cenário de desafios e possibilidades.** Disciplinarum Scientia: Série: Ciências Humanas. 21, 297-311. Acesso em: 17.out.2022
- BIZERRA, M. R. **Tecendo histórias, várias perspectivas: qual o impacto da leitura e da escrita no percurso de vida dos formandos no projeto de educação e formação de adultos?** 94 f. Dissertação (Mestrado em educação e formação de adultos) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade do Porto, Porto, Pt. 2020. Acesso em: 16.nov.2022.

BORGES, D. S. S.; SAMBUGARI, M. R. N. **A Educação Jesuítica e o Método de Ensino Ratio Studiorum**. UFMS/CPAN. 2019. Disponível em: <https://cecpan.ufms.br/files/2019/12/C_33_.pdf>. Acesso em 25.set.2022.

BRASIL, Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CEB n.11/2000 — Homologado. Aprovado em 10 de maio de 2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov/secad>. Acesso em: 05.out.22.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

CARBONE, S. A. B. **Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos: uma reflexão com alfabetizadores da eja**. 2013. 39 f. Monografia de especialização, Pólo UAB município de Goioerê, Modalidade de Ensino à Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná — UTFPR — Câmpus Medianeira. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20888/2/MD_EDUMTE_2014_2_91.pdf>. Acesso em: 10.out.2022.

CASTRO, S. P.; MALAVASIM, A. **A relação da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire com a prática docente no contexto educacional**. Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) V.3-N.13 – dezembro, 2007. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/viewFile/30808/22844>>. Acesso em: 29.set.22.

COELHO, K.; AVERO, C. C. S. **Alfabetização de jovens e adultos perspectivas e características com o olhar do professor**. Bagé/RS, em 2021/2. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1952/4_kimberly.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 10.out.2022.

CORTI, Ana Paula; VÓVIO, Cláudia Lemos. **Jovens na alfabetização: para além das palavras, decifrar mundos**. Brasília: Ministério da Educação / Ação Educativa, 2007.

DANTAS, Tânia Regina. **A formação de professores em educação de jovens e adultos (eja) na perspectiva da inclusão social**. Revista de Educação, Ciência e Cultura (ISSN22236-6377). index.php/Educacao Canoas, v. 24, n. 1, 2019. Acesso em: 17.nov.2022

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

DINIZ, Assunção De Maria Moreira. **Desafios da Supervisão pedagógica na Educação De Jovens E Adultos Nas Escolas Municipais Em Pinheiro - MA**. 2008. Acesso em: 28.dez.2022.

BRASIL, Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/seb/pdf/d_c_n_educacao_basica_nova.pdf>. Acesso em: 25.set.22.
Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm>. Acesso em: 17.out.2022.

Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular - 1º segmento / coordenação e texto final (de) Vera Maria Masagão Ribeiro; — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 2001. 239p. 1. Educação de jovens e adultos. 2. Ensino Fundamental. 3. currículo. CDU - 374(81). Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>>. Acesso em: 17.out.22.

FANTI, K. B. **As dificuldades da educação de jovens e adultos**. 2018/06. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/06/desafios-da-educacao-de-jovens-e-adultos.pdf>>. Acesso em: 17.out.22.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **Método Paulo Freire: A Reinvenção de um legado** / Sonia Couto Souza Feitosa. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011. (Série Educação de Adultos, v.2). Acesso em: 12.out.2022

FELICIANO, C. B. et. al. **O perfil e os desafios enfrentados pelos alunos da educação de jovens e adultos-EJA**. 2018/12. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/o-perfil-e-os-desafios-enfrentados-pelos-alunos-da-educacao-de-jovens-e-adultos-eja.pdf>>. Acesso em 08.out.22.

FERREIRA, Edna Maria de Oliveira; VITORINO, César Costa. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa**. Resenha, Revista Brasileira de Educação, v. 24, Rio de Janeiro, 2019. ISSN 1413-2478 On-line version ISSN 1809-449X, <https://doi.org/10.1590/s1413-24782019240007>. Acesso em: 14.out.2022

FERNANDES, R. M.; GOMES, V. R. **Formação dos professores da Eja: desafios e possibilidades**. 2015. Disponível: <<https://repositorio.ifsc.edu.br/bitstream/handle/123456789/461/FORMA%C3%87%C3%83O%20DOS%20PROFESSORES%20DA%20EJA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17.nov.22.

FRANCO, C. M. **A aprendizagem na EJA: uma reflexão a partir das metodologias de ensino**. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1880/1/Artigo-Camila%20Marques%20Franco.pdf>>. Acesso em: 17.nov.22.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 50. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FURTADO, C. **Em busca de um novo modelo: reflexões sobre a crise contemporânea**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. E. **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos**. Acesso em: 17.out. 2022.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; AMORIM, Leila Britto. **Os textos na alfabetização de jovens e adultos: reflexões que ajudam a planejar o ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEAL, T. F. et. al. **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEITE, P. S.; MACÊDO, R. O. **A contribuição do movimento brasileiro de educação – Mobral para a educação de adultos no Brasil no período do regime militar**. João Pessoa: UFPB, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14051/1/PSL02052018.pdf>>. Acesso em: 11.nov.22.

LIMA, C.M.A.D.O. **Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19)**. Radiol Bras., São Paulo, v. 53, n. 2, p. V-VI, mar/abr 2020.

LIMA, W. R. et. al. **A educação de jovens e adultos, o educando e o contexto da pandemia. 2020**. Disponível em:<<file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/89083,+65616-Texto+do+artigo-297997-1-11-20201024.pdf>>. Acesso em: 17.nov.22.

LIMA, F. V. et al. **Educação não presencial na EJA do Paraná em tempos de pandemia: uma proposta possível?** Curitiba, interações, v.16, n. 54, p. 107- 125, 2020.

MACIEL, L. S. B.; NETO, A. S. **A educação brasileira no período pombalino: uma análise histórica das reformas pombalinas do ensino**. SciELO - Scientific Electronic Library Online. São Paulo - SP - Brasil, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/7bgbrBdvs3tHHHFg36c6Z9B/?lang=pt>>. Acesso em:22.nov.22.

MARTINS, C. K. S. **O perfil do educador da educação de jovens e adultos**. Conedu VII Congresso Nacional de Educação, Maceió-AL, de outubro de 2020.

Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA12_ID3356_31082020174439.pdf>. Acesso em: 17.nov.22.

MARTINS, Ronei Ximenes. **A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio**. Revista de Educação a Distância, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em:

<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>. Acesso em: 25.set. 2021.

MATUOKA, Ingrid. **Anísio Teixeira e a democratização da escola brasileira**.

Centro de referências em Educação Integral, 2018. Disponível em:

<<https://educacaointegral.org.br/reportagens/anisio-teixeira-e-a-democratizacao-da-escola-brasileira/>>. Acesso em:25.out.22.

MEDINA, J. M. G. **Constituição Federal Comentada, revista, atualizada e ampliada**. 7.ed. 2021. Editora Revista dos Tribunais, 2022.

MENEZES, E. T. **Verbete formação de professores**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/formacao-de-professores/>>. Acesso em: 28.out. 2022.

MILITÃO, G. M. A. **Alfabetização e letramento: as práticas de leitura como recurso para a alfabetização**. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/ARTIGOSANAIS_SEPECH/giseldamamilitao.pdf>. Acesso em: 03.out.22.

MINAS, E. A. **A ressignificação da prática docente em tempos de covid-19 no centro estadual de educação de jovens e adultos de Caraguatatuba (CEEJA)**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo v. 6, n. 11, p. 14, 2020.

MONTEIRO, S. A. S. **Educação a Distância na Era COVID-19: possibilidades, Limitações, Desafios e Perspectivas**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020. Disponível em: <[file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/MONTEIRO,%20Solange%20Aparecida%20de%20Souza%20\(org.\).%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia%20na%20era%20COVID-19.pdf](file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/MONTEIRO,%20Solange%20Aparecida%20de%20Souza%20(org.).%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia%20na%20era%20COVID-19.pdf)>. Acesso em: 25/10/22.

MOURA, Tania Maria de Melo. **A Prática Pedagógica dos Alfabetizadores de Jovens e Adultos: Contribuições de Freire, Ferreiro e Vygotsky**. Maceió; EDUFAL, 1999. 229p.

NOGUEIRA, Renata Coelho. **A perspectiva do ensino de história na EJA: a partir dos instrumentos avaliativos**. São Paulo. 2009.

NORONHA, I. D.; SANTANA, I. S. **A trajetória da educação de jovens e adultos: das Campanhas e Programas às Competências Docentes Para Atuação com essa Clientela**. Disponível em:

<<http://www.minerva.edu.py/archivo/13/9/A%20TRAJET%C3%93RIA%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20DE%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20DAS%20CAMPANHAS%20E%20PROGRAMAS.%20IDALICE%20Deiro%20%20y%20IDARA%C3%8D%20Santos.pdf>>. Acesso em: 26.set.22.

OLIVEIRA, G. A. **A Educação de jovens e adultos: avanços e desafios**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, 2019. Disponível em:<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/avancos-e-desafios#:~:text=No%20Art.,na%20idade%20considerada%20como%20correta>>. Acesso em 25.set.22.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5º Ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.

PINHEIRO EM REVISTA. **A mudança que todo mundo vê, 2003**. Gráfica SOCINGRA.

PIRES, Ana Cristina Frazão. **Práticas educativas na educação de jovens e adultos: o método Paulo Freire em questão**. São Luís, 2019. 67 f.

PRETTO, Nelson De Luca; BONILLA, Maria Helena Silveira; SENA, Ivânia Paula Freitas de Sena (Orgs.). **Educação em tempos de pandemia: reflexões sobre as implicações do isolamento físico imposto pela COVID-19**. Salvador: Edição do autor, 2020.

RAMOS, E. R.; BRITO, G. M. **A Campanha de Educação de Adultos (CEA): a expansão da alfabetização de adolescentes e adultos na Bahia na administração de Anísio Teixeira (1946 a 1949)**. VII Encontro Estadual de História ANPUH BA/ FEIRA DE SANTANA/ 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1473119047_ARQUIVO_CEA-TextocompletoANPUH.pdf>. Acesso em: 17.nov.22.

RIBEIRO, Vera Masagão, JOIA, Orlando, PIERRO, Maria Clara Di. **Visões da educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. **A educação pública antes da independência**. In: Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. Caderno de Formação: Formação de Professores. Educação, Cultura e Desenvolvimento. História da Educação Brasileira. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 32-47, v. 1.

RODRIGUES, Anna. **Modalidade de ensino e suas características segundo a legislação educacional**. Gran Cursos Online, 2017. Disponível em<<https://blog.grancursosonline.com.br/modalidades-de-ensino-e-suas-caracteristicas-segundo-legislacao-educacional/>>. Acesso em: 01.dez.22.
SALTINI, Cláudio. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
SAMPAIO, Marisa Narcizo; ALMEIDA, Rosilene Souza. **Práticas de Educação de Jovens e Adultos: complexidades, desafios e propostas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAUNER, Nelita F.M. **Alfabetização de Adultos**. Curitiba: 1º ed. Juruá, 2002.

SILVA, A. A. N. et. al. **A educação de jovens e adultos (eja):** desafios da modalidade em tempos de pandemia no ensino da língua portuguesa. Vitória-ES, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.ifes.edu.br/bitstream/handle/123456789/1595/TCC_EJA_Desafios_Pandemia_Ensino_L%C3%ADngua_Portuguesa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16.out.22.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Silva, C. S. R. (2006) **Revista Ciência e Cognição**, vol.8. Rio de Janeiro.
http://www.cienciasecognicao.org/pdf/cec_vol_8

SILVA, J. L. **Letramento e alfabetização na educação de jovens e adultos:** trocando ideias e revendo conceitos. Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <<file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/6095-Texto%20do%20artigo-16343-1-10-20190409.pdf>>. Acesso em: 17.nov.22.

SOUZA, R. M; SILVA, A. O. **A Importância da Leitura Na Educação De Jovens E Adultos (EJA)**. IEAA/UFAM. Manaus, 2018. Acesso em: 16.out.2022.

SOUZA, A. M. et. al. **Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia na modalidade remota:** reinventando a maneira de estudar e superando os novos desafios. 2022/06. Disponível em: <[file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/28960-Article-347884-1-10-20220604%20\(2\).pdf](file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/28960-Article-347884-1-10-20220604%20(2).pdf)>. Acesso em: 17.nov.22.

SOUZA, G. S. et. al. **Narrativas de estudantes da EJA no contexto da pandemia da covid-19:** reflexões a partir do olhar freiriano. Revista: Educação e Ciências Sociais. 2021. Disponível em: <<file:///home/chronos/u-bf4ff81423adfa0de1a48b0dc20fd9fc71622c3a/MyFiles/Downloads/11745-Texto%20do%20artigo-36513-2-10-20210916.pdf>>. Acesso em:19.out.22.

SOUZA, M. M. **A Educação de Jovens e Adultos em tempos de pandemia no contexto brasileiro**. Pensar a Educação em pauta, 2020. Disponível em:
<<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-educacao-de-jovens-e-adultos-em-tempos-de-pandemia-no-contexto-brasileiro/>>. Acesso em:16.out.22.

STARLLES, Wender. **Anísio Teixeira:** conheça a história do criador da escola pública no Brasil. Guia do estudante, 2021. Disponível em:
<<https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/anisio-teixeira-conheca-a-historia-do-criador-da-escola-publica-no-brasil/>>. Acesso em: 03.out.22.

TORRES, Márcia Cristina Nogueira. **Direito à educação: a evasão escolar causada pelo trabalho**. 2010. Monografia (Pós-graduação em Direito) – Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná, Curitiba, 2010.

TURA, Maria de Lourdes R. **Conhecimentos escolares e a circularidade entre culturas**. Em: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (Org.). Currículo: debates contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES DA II ETAPA NA EDUCAÇÃO DA MODALIDADE DE JOVENS E ADULTOS — EJA NA ESCOLA DE UNIDADE INTEGRADA PRESIDENTE MÉDICI.

PERFIL PESSOAL DOS PESQUISADOS



MEC- Ministério da Educação

Quanto ao gênero*

Feminino

Masculino

Outros

Quanto à idade:*

de 20 a 30 anos de idade

de 30 a 40 anos de idade

de 40 a 60 anos de idade

de 50 em diante

Estado civil:*

Solteiro

Casado

Divorciado

Viúvo

Quanto à formação acadêmica:*

nível médio normal

ensino superior completo

ensino superior incompleto

pós-graduação/especialização

pós-graduação/mestrado

pós-graduação/doutorado

Quanto tempo você é professor na modalidade EJA? *

de 1 a 5 anos

de 5 a 10 anos

de 10 a 20 anos

de 20 anos em diante

APÊNDICE B - PERGUNTAS SOBRE O OBJETO DE PESQUISA - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PERFIL DO OBJETO PESQUISADO



1- Como é sua metodologia para conseguir chamar a atenção dos alunos? *

slides

pesquisa (dentro ou fora da sala de aula)

imagens (revistas, jornais e outros)

vídeos

Outros

2- Como são as atividades direcionadas aos alunos da EJA? *

3- Quais as dificuldades existentes dentro da sala de aula? *

4- Quais dificuldades você encontra enquanto docente na EJA? *

5- Como você observa o rendimento dos alunos ao final da aula? *

o resultado foi alcançado

não ficou dúvidas

foi satisfatório

houve contradições de ideias

Outro:

6- Em relação aos alunos que foram atendidos com aulas por meio de materiais físico/impressos, por não possuírem a internet, como você avalia esse tipo de metodologia? *

Satisfatória

Dentro do previsto

Não satisfatório

Outro:

7- Como você avalia a aprendizagem dos alunos no período de pandemia, por meio das aulas remotas? *

Aconteceu de forma satisfatória

razoavelmente

de forma precária

Outro:

8- Como você avalia o desempenho dos alunos atualmente, após as aulas voltarem de forma presencial? *

9- Em sua opinião, quais os principais agentes que permitem o fracasso na aprendizagem do aluno da EJA? *

10- Quais os principais desafios e perspectivas você tem após o período de pandemia? Como isso reflete na sua condução teórico-metodológica na atualidade?

*
